

PALÁCIO NACIONAL DA AJUDA: UM MUNDO A VISITAR

Luciana Menegoni Meirelles

Trabalho de Projeto de Mestrado em Museologia

Abril de 2016

PALÁCIO NACIONAL DA AJUDA: UM MUNDO A VISITAR

Trabalho de Projeto de Mestrado em Museologia

Luciana Menegoni Meirelles

Orientação do: Professor Doutor António Camões Gouveia

Coorientação do: Mestre Doutor José Alberto Ribeiro

Abril de 2016

Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Museologia realizado sob a orientação científica do Prof. Dr. António Camões Gouveia e coorientação do Mestre Dr. José Alberto Ribeiro.

Para os meus pais

Nota Inicia

1. O Trabalho de Projeto do Mestrado em Museologia está escrito de acordo com as regras do português do Brasil e foi adotado o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa datado de 1990.
2. Todas as citações feitas de autores portugueses estarão conforme as regras de escrita portuguesa do tempo e edição da citação. E não estarão sujeitas ao Novo Acordo Ortográfico.
3. Citações feitas em língua diversa do português, não serão traduzidas ou adaptadas a língua nacional.

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar aos meus pais, Laura e Ildefonso Meirelles que sempre me incentivaram e apoiaram as minhas decisões por mais difíceis que pudessem parecer. Agradeço também o suporte dos meus irmãos Fabricio e Thiago que mesmo do outro lado do Atlântico, me incentivaram com palavras de carinho e afeto.

Não posso deixar de agradecer ao meu orientador Prof. Drº. António Camões Gouveia pela sua paciência, disponibilidade e incentivo, milhares de e-mails durante este processo que já dura desde 2014. Ao meu coorientador o Senhor Diretor e Mestre do Palácio Nacional da Ajuda, Dº. José Alberto Ribeiro, por ter-me aberto as portas de uma Instituição tão importante no âmbito nacional e internacional. E também a sua disponibilidade de receber-me e ao incentivo e encorajamento durante este processo.

Agradeço em especial a equipa do Serviço Educativo do Palácio Nacional da Ajuda, a Drª Carla Teresa Silvestre Lopes Marecos e a Drª. Maria de Fatima Vasconcelos Patacho pelo acolhimento, orientação, disponibilidade sempre que necessário. Não esquecendo que toda a equipa de voluntários e funcionários do Palácio Nacional da Ajuda sempre foram muito simpáticos e disponíveis aos meus questionamentos.

Não menos importante devo agradecer a toda equipa da Direção Geral do Património Cultural, (DGPC) por me mostrarem um novo mundo museal, pelo empréstimo de diversas bibliografias em especial a Drª Clara Frayão Camacho que durante o meu voluntariado nesta Instituição ajudou-me com bibliografias e incentivo.

Agradeço aos amigos e colegas que tão pacientemente me acolheram e foram ao longo do trabalho me ajudando com soluções para algumas de minhas dúvidas em relação ao tema escolhido para este projeto de Mestrado.

Por fim, um reconhecimento especial a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, trouxeram contribuições e souberam enriquecer o meu percurso.

Palácio Nacional da Ajuda: um mundo a visitar

National Palace of Ajuda: a world to visit:

PALAVRAS CHAVE: visita orientada, guião de visitas orientadas, educação em museus, Palácio Nacional da Ajuda, públicos.

RESUMO:

O Trabalho de Projeto que se segue faz um percurso pelo histórico do Serviço Educativo em Portugal e também estuda o caso do Palácio Nacional da Ajuda.

Justificamos a escolha do tema em questão pelo meu interesse particular sobre a educação museal e suas diversas faces perante um público heterogêneo, e pelo acolhimento da Direção do Palácio Nacional da Ajuda, bem como do Serviço Educativo e a necessidade aí verificada de novas abordagens e temáticas.

Ao longo deste trabalho, adoto a expressão, visita orientada não afastando de no futuro adotar outra terminologia que se enquadre no tema proposto.

O ponto de partida foi caracterização de um Serviço Educativo, e a sua função museal, logo após passamos ao estudo de caso do Palácio Nacional da Ajuda. O estudo desenvolvido apoiou-se na pesquisa bibliográfica, e na observação de visitas orientadas tanto pelo Serviço Educativo da Instituição escolhida como a feita por voluntários que lá trabalham em tempo parcial.

Observamos ainda as relações entre público e o museu, quais suas impressões e avaliações quanto as coleções, a visita orientada e ao seu acervo.

O material reunido neste projeto visa uma valorização e reconhecimento deste serviço tão importante que faz um elo entre o museu e seus públicos.

KEYWORD: guided tour, screenplay visits, museum education, National Palace of Ajuda, public.

ABSTRACT

The design work that follows makes a journey through the history of the Educational Service in Portugal and also studies the case of National Palace of Ajuda.

Justify the choice of subject in question by my particular interest in the museum education and its various faces towards a heterogeneous public, and the host of the National Palace of Ajuda direction and the Education Department and the need verified their new approaches and themes.

Throughout this paper, I have adopted the expression guided visit not away, from in the future to adopt other terminology falling within the proposed theme.

The starting point was the characterization of an educational service and its museum function, after we study the case of the National Palace of Ajuda. The study developed supported in the literature, and watching guided tours both by the Educational Service of the institution chosen as the one made by volunteers who work there part-time.

We also observed the relationship between the public and the museum, which his impressions and assessments of the collections, the guided tour and its collection.

The material gathered in this project is an appreciation and recognition of this service so important that makes a link between the museum and its public

Índice

1. Introdução	01
2. O Estado da Arte: Serviço Educativo em Museus	07
3. Estudo de Caso: O Serviço Educativo do Palácio Nacional da Ajuda	15
3.1. Público Alvo	21
3.2. Visitas orientadas	23
4. Reflexões Finais	27
5. Bibliografia	31
5.1. Fontes	36
6. Anexos	38
I. Anexo e- mail diretor	I
II Guia de visita para o Piso Térreo – O Quotidiano da Família Real no Paço da Ajuda	II
III. Guia de visita para o Andar Nobre – Um dia de Gala no Paço da Ajuda	III
IV: No Rasto dos Tesouros Reais	IV
V:Tempo Real – Colecção de Relógios do Paço da Ajuda	V
VI. Safari no Museu	VI
VII. Sonhos de uma noite de verão no Palácio da Ajuda	VII
VIII. Texto do “REAL TEATRINHO - Fantoques e Histórias”	VIII
IX. Folheto da Exposição de Joana Vasconcelos e fotos da exposição	IX
X. Foto da visita orientada ao andar térreo pela Escola Praias do Sado em 10 de março de 2015	X
XI: Foto da visita orientada do Jardim Infantil Francisco Xavier, localizado no Restelo, sobre o Teatrinho de Fantoques em 21 de abril de 2015.	X
XII:Fotos da visita orientada ao piso superior, sobre o cerimonial do Palácio, em 25 de setembro de 2015.	XI

Introdução

O presente Trabalho de Projeto intitulado *Palácio Nacional da Ajuda: um mundo a visitar*, enquadra-se no componente não letivo do Mestrado em Museologia, da Universidade Nova de Lisboa da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), iniciado no ano letivo de 2013/2014.

Licenciada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil, em 1994, volto à vida acadêmica para fazer o Mestrado em Museologia pela Universidade Nova de Lisboa, após longo período profissional na área da educação de jovens e adultos no meu país, o Brasil. A possibilidade de consolidar a formação adquirida no terreno educacional e a tentativa de enriquecer a minha vida profissional foram razões que conduziram a esta experiência em terras estrangeiras.

Utilizei como obra de referência para este projeto de mestrado em Museologia a Tese de Mestrado da Mestre Sandra Patrícia de Jesus Silva. *Visita Guiada: Uma estratégia da educação museal*. Lisboa, UFNL-FCSH, 2011, (Tese de Mestrado). Este projeto faz uma revisão bibliográfica de obras de que tratam do assunto em questão e uma análise metódica e crítica.

Os museus têm departamentos especiais para ação educativa, em articulação com escolas e instituições culturais, acolhimento do visitante e monitoramento da visita, oferecendo diversas opções de atividades paralelas, como oficinas, palestras, teatro, concertos, visitas orientadas e também fazendo programações diferenciadas para públicos particularizados, como estrangeiros, escolares, pessoas com necessidades especiais, crianças e adultos, leigos e especialistas.¹

Justifico a escolha do tema em questão pelo meu interesse particular pela educação museal e suas diversas faces perante um público heterogêneo, e pelo acolhimento da Direção do Palácio Nacional da Ajuda, bem como do Serviço Educativo e a necessidade aí verificada de novas abordagens e temáticas.

Considerando estes objetivos, é fundamental estudar o público alvo, acessibilidade às coleções, formas de comunicação com o público em geral e a comunidade envolvente da instituição estudada. Poderemos compreender a vivência cultural de seu público realizando visitas orientadas mais específicas, interessantes, lúdicas e objetivas.

1. Informação recolhida de: BRÜNINGHAUS-KNUBEL, Cornelia. *A Educação do Museu no Contexto das Funções Museológicas*. IN: Boylan, Patrick J. (ed). *Como Gerir um Museu: Manual Prático*. ICOM, 2004, pp. 128-144, disponível: http://www.icom.org.br:80/Running_a_Museum_trad_pt.pdf, acessado em 07/11/2014.

Consultando outros estudos, como por exemplo de João Pedro Fróis, Ana Duarte, Sharon Macdonald, Carla Padró, Maria Acaso e Sara Barriga, se observa que a visita orientada é o método mais utilizado pelos museus para o público adquirir conhecimento de suas coleções e acervos.

Para Sandra Silva:²

A visita orientada é uma opção adoptada pelos museus e surge enquadrada no cumprimento da sua função educativa Mas pesquisas apontam também para a fragilidade das políticas educacionais que gerem os museus e da delegação desta função em técnicos sem formação especializada as conduzem.

Ao longo deste trabalho, adoto a expressão, visita orientada não afastando de no futuro adotar outra terminologia que se enquadre no tema escolhido.

Segundo a definição do ICOM ³, aprovada na 20ª Assembleia Geral:

O museu uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno para educação e deleite da sociedade.

Fica claro que os museus têm o importante dever de desenvolver o seu papel educativo atraindo e ampliando públicos apartados da comunidade, a que servem. Interagir com este público ou comunidade, promover o seu património cumprindo o papel a ele atribuído. Sendo isto uma de suas missões.

*Os museus. actualmente, na maioria dos países, são uma parte da actividade cultural onde se desenvolvem os desafios cada vez mais centrais das problemáticas da identidade, do lazer, da educação e da inclusão socioeconómica.*⁴

A Lei Quadro dos Museus Portugueses, artigo 3º, refere-se aos museus como:

1 - Museu é uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite:

2.SILVA, Sandra Patrícia de Jesus. *Visita Guiada: Uma estratégia da educação museal*, Lisboa, UNL-FCSH, 2011, (Tese de Mestrado), p. 02.

3. Definição aprovada 20ª Assembleia Geral do ICOM. Em Barcelona, Espanha – 06 de julho de 2001. In: http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Codes/Lusofono2009.pdf, acedido em 11/11/2014.

4.MOUTINHO, Mario. *Os museus portugueses perante a sociomuseologia*. IN: CUSTÓDIO, Jorge. (Coord). *100 anos de património: memória e identidade*. Lisboa, IGESPAR, 2011, p. 313.

a) *Garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objectivos científicos, educativos e lúdicos;*

b) *Facultar acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade.*

2 - *Consideram-se museus as instituições, com diferentes designações, que apresentem as características e cumpram as funções museológicas previstas na presente lei para o museu ainda que o respectivo acervo integre espécies vivas, tanto botânicas como zoológicas, testemunhos resultantes da materialização de ideias, representações de realidades existentes ou virtuais, assim como bens de património cultural imóvel, ambiental e paisagístico.*⁵

Precisamos ter em destaque que a educação nos museus é um tema transversal e perpassa todas as áreas museológicas.

Desta forma, o Serviço Educativo necessita apresentar o seu plano educativo a todos os funcionários da instituição para que o discurso não se disperse e desvalorize.

A nossa delimitação do tema inspirou-se nos indicadores de Michèle Gellereau⁶ que realizou um trabalho de investigação sobre a visita orientada, a autora foca o seu estudo na exposição oral e a importância de se fazer a ligação entre o museu e o público visitante.

Michèle Gellereau revela ainda que a visita orientada é o melhor método de se cativar e fidelizar os mais diversos públicos.

Por que a ação educativa do museu fará com que o público compreenda melhor a complexidade das relações humanas e traga questionamentos sobre a sua visão de mundo, política e até mesmo artística.

Segundo artigo de Cláudio Storino Chagas⁷ lembramos que o Serviço Educativo ajuda a exercitar o pensamento e estimulam os saberes e as inspirações de seus públicos.

5. Lei Quadro dos Museus-Lei n.º 47/2004 de 19 de agosto. IN: *Diário da República n.º 195/2004 - I Série*. acessado em 15/11/2014.

6. GELLEREAU, Michèle, *Les mises en scène de la visite guidée – Communication et médiation*. Paris: L'Harmattan, 2005.

7. Informação recolhida de: CHAGAS, Storino Cláudio. Os museus são bons para pensar, sentir e agir. IN: *Musas, Revista Brasileira de Museus e Museologia*. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Museus, n.º 03, 2007, pp.6-9.

María Acaso ressalta ainda:⁸

[...] *los educadores y educadoras deberían ser considerados profesionales reflexivos, tanto dentro de las estructuras de los museos como en su proyección pública, y nos monitores, difusores os gestores de la información, como a menudo son representados.*

O estudo efetuado apoia-se em pesquisa bibliográfica que permitirá a elaboração de um estado da arte sobre os Serviços Educativos em museus e especificamente do Serviço Educativo do Palácio Nacional da Ajuda.

Assim como uma recolha sistemática e variada de dados empíricos (documentação). Serão consideradas ações participadas de observação em visitas de estudo que atualmente decorrem no Museu. Todo este trabalho prevê um estudo prévio dos conceitos e terminologias mais utilizadas neste projeto.

Definido o objeto de estudo, a etapa seguinte consistiu em fazer um histórico da visita orientada no âmbito museológico. Esta delimitação está reservada ao panorama português, uma vez que é neste que estão as bases do presente trabalho.

Quanto à problemática do objeto de estudo, foi necessário avaliar a escolha do terreno para analisar a visita orientada *in loco*. Esta fase foi dedicada a escolher o museu: o Palácio Nacional da Ajuda.

O museu escolhido localiza-se na cidade de Lisboa, no Largo da Ajuda, Junta de Freguesia da Ajuda, próximo ao Jardim Botânico da Ajuda e Padrão dos Descobrimentos em Belém.⁹

Os critérios que conduziram à escolha do museu foram a disponibilidade da Direção do Palácio Nacional da Ajuda em acolher um estudo de caso do seu Serviço Educativo, o interesse pelas coleções com ligações à história brasileira e por ser o único Palácio Real da cidade de Lisboa.

O seguinte passo compreendeu uma pesquisa sobre a instituição selecionada para conhecer o seu histórico, as suas coleções, os seus acervos, o papel desempenhado pelo Serviço Educativos e outras atividades orientadas para os públicos.

8. ACASO, Maria (coord). *Situación actual de la educación em los museos de Artes Visuales*. Madrid, Editorial Ariel, Fundación Telefónica, Colección Perspectivas, 2011.p. 13.

9..Informação recolhida de <http://www.jf-ajuda.pt> a. acedido em 23/11/2104.

Salvo a pesquisa nos catálogos do museu, respectivas publicações e outros suportes de divulgação, o sítio, o blogue e o facebook, atualmente uma ferramenta de busca rápida para conhecer a programação da instituição. Estas foram uma fonte fundamental para a reunião de informação atualizada.

No campo do objeto de estudo, a recolha de informação consistiu na realização de visitas regulares ao setor do Serviço Educativo do Palácio, observação do trabalho das responsáveis pelo Serviço Educativo e na participação de visitas orientadas realizadas para o público e escolas em geral. Foram feitos registos escritos e fotográficos destas visitas orientadas quando necessário e possível. Bem como a pesquisa de documentos administrativos e planos diretores sediados na biblioteca do Palácio Nacional da Ajuda.

O Projeto de Mestrado para Museologia divide-se em seis capítulos, Na introdução faço uma conceptualização de visitas orientadas e o seu significado para os diversos autores escolhidos, o segundo capítulo definirei conceitos para o Serviço Educativo em museus, no terceiro capítulo estudarei o caso específico do Palácio Nacional da Ajuda assim como um breve histórico do Museu, pois em todas as visitas orientadas constatei, que a visita em si iniciava com o histórico do Palácio deste os tempos da Real Barraca após o terremoto de 1755. As visitas orientadas também abarcam o acervo do Palácio em exposição permanente e sobre seu acervo em depósito. Bem como um estudo dos públicos alvos e das visitas orientadas, que realizadas pelo Serviço Educativo e acompanhadas por mim durante o período de 2014 e 2015.

O Projeto de Mestrado tinha o objetivo de fazer uma visita orientada sobre o acervo do Palácio Nacional da Ajuda e sua relação com a história do Brasil, porém a exposição permanente do Palácio Nacional da Ajuda conta com somente nove peças sobre a história do Brasil, enquanto outras vinte e sete estão no acervo em depósito, tornando desta maneira o projeto inicial inviável. Assim me limitarei a um estudo de caso do Serviço Educativo do Palácio Nacional da Ajuda.

Ao término deste projeto teremos as considerações finais, bibliografia e anexos. Saliento que muitas das bibliografias utilizadas foram acedidas na internet, sempre com o sítio e a data da consulta em evidência nas notas de rodapé de página.

Destaco ainda que não houve qualquer formatação de minha parte nos anexos II e III, estão como me foram enviados por correio eletrônico, em outubro de 2014 pelo Serviço Educativo do Palácio Nacional da Ajuda.

É importante enfatizar que o contato com o terreno não pretendeu fazer juízos de valor do que foi sendo observado, mas sim realizar uma leitura das práticas que utilizam

a visita orientada como ferramenta educativa, lúdica e prazerosa do Palácio Nacional da Ajuda.

A redação deste Projeto de Mestrado, foi consecutiva e simultânea a pesquisa bibliográfica. O texto foi sendo modernizado conforme avançava a pesquisa bibliográfica e o contato com o Serviço Educativo da Instituição escolhida.

Espero que o resultado final seja um contributo útil para terceiros que usam a visita orientada nos museus para mediar a relação destes com os seus públicos. Inovar e trazer ideias para exposições e momentos prazerosos e de fruição plena dentro do museu.

2. Estado da Arte: Serviços Educativos em Museus

Ao pensarmos em Serviço Educativo, precisamos, em primeiro lugar, estabelecer um ponto a seguir. Para tanto escolhemos como melhor enquadramento neste Trabalho de Projeto a definição utilizada por Clara Camacho:

*Ao serviço educativo compete o cumprimento da função museológica da educação, uma das indispensáveis funções inerentes ao conceito de museu, que se articula com as restantes funções museológicas de estudo e investigação, de incorporação, de inventário e de documentação, de interpretação e de exposição.*¹⁰

Entretanto em Portugal, os Serviços Educativos com mediação direta com público, iniciam-se a partir dos anos 1950 do século passado, e têm como pioneiro o Museu Nacional de Arte Antiga, o D^o. João Couto, diretor do museu na época, foi um verdadeiro pioneiro, quer ao nível da museologia e da investigação, quer da educação. A ação educadora do Museu, principiou discretamente com um só monitor dedicado às visitas de grupos escolares, seguidos de operários, professores, pais e educadores.¹¹

*Este museu foi o primeiro a criar um Serviço Educativo no país em 1953. Inicialmente o trabalho desenvolvido privilegiou as relações com a escola, e as atividades promovidas eram as oficinas e as visitas orientadas e outras iniciativas como colóquios, conferências, concertos, espetáculos.*¹²

Depois do 25 de Abril surgem mais museus e com eles mais Serviços Educativos. A educação, já era uma determinação do Decreto-lei n.º 46758/65 (Regulamento Geral dos Museus de Arte, História e Arqueologia) em benefício dos diferentes públicos que os frequentavam.

Se o museu não for mais do que instituição com finalidade conservadora, poderá então qualificar-se de necrópole.

(...) A mera contemplação da obra de arte pode permitir ao homem realmente culto recolher todas as lições que ela é susceptível de propiciar.

10. CAMACHO, Clara Frayão *Serviços Educativos na rede Portuguesa de Museus: panorâmica e perspectivas*, IN BARRIGA, Sara, SILVA, Susana Gomes (coord.), (Coleção), *Públicos – Serviços Educativos na Cultura n.º 2*, Porto: Sete Pés, 2007, pp. 28.

11. Informação recolhida de: CABRAL, Madalena, *A educação no Museu Nacional de Arte Antiga*. IN: Noesis, Lisboa, Direção Geral de Educação, n.º52, 1999, p.10.

12. DUARTE, Ana, e VITOR, Isabel, “Serviços Educativos e as actividades de extensão Cultural nos museus. O caso dos museus municipais de Setúbal”. In *Cadernos de Sociomuseologia*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Centro de Estudos de Sociomuseologia, n.º 8, 1996, pp. 83-92.

Não é assim com o operário, com o estudante de escola primária ou secundária, com o não iniciado. Esses precisam de ser esclarecidos e preparados, de receber, em termos que lhe sejam acessíveis, informação sobre o valor e o significado do que se lhes vai mostrar.

(...) [Os museus] *deverão, por todos os meios ao seu alcance, atrair visitantes e sobre eles exercer uma acção pedagógica eficiente*” (Decreto-lei n.º 46758/65).¹³

Segundo o artigo de Clara Camacho¹⁴ entre o final dos anos 1970 o início dos anos 1980 do século XX, houve em Portugal um surto de criação dos Serviços Educativos em um primeiro momento nos museus da administração central e em alguns privados e, subsequentemente, nos museus autárquicos.

Em 1980 a legislação destinada à reestruturação interna e profissional dos museus perante as novas realidades do período, sobretudo tratando das relações entre os museus e seus públicos. O Decreto-lei n.º 45/80 vem regulamentar setores e carreiras dos museus dependentes da Direção Geral do Património Cultural, que estavam em crescente desenvolvimento, embora ainda longe de corresponder ao nível desejável, tendo atingido nos últimos anos aspectos muito significativos, sobretudo nas relações com o público.

As funções culturais nos museus de Portugal surgem vinculados a uma carreira¹⁵ do qual a prática confiada aos Serviços Educativos que se responsabilizam do cumprimento da função educativa museal.

Após vinte anos e muitas legislações passadas é elaborado o Diploma n.º 55/2001 que atualiza e regulamenta as carreiras de museologia. A carreira específica destinada à função educativa de museu, de monitor veio a ser extinta por este decreto-lei, reconhecendo-se que segundo Maria da Graça Filipe:

As importantes funções do serviço educativo de um museu, dirigidas a públicos diferenciados cada vez mais exigentes, não dispensam um trabalho alargado, coordenado por um conservador e desempenhado por técnicos de nível superior e

13. Decreto-lei n.º 46758/65. IN: SILVA, Sandra Patrícia de Jesus. *Visita Guiada: Uma estratégia da educação museal*. Lisboa, UFNL-FCSH, 2011, (Tese de Mestrado), p. 08.

14. Informação recolhida de: CAMACHO, Clara Frayão *Serviços Educativos na rede Portuguesa de Museus: panorâmica e perspectivas* IN: BARRIGA, Sara, SILVA, Susana Gomes (coord.), (Coleção). *Públicos – Serviços Educativos na Cultura n.º 2*, Porto: Sete Pés, 2007, pp. 26-41.

15. O Decreto-lei n.º 45/80 distribui as carreiras profissionais em quatro grupos profissionais: “*peçoal dirigente*”, “*peçoal técnico superior*”, “*peçoal técnico profissional de museografia e administrativo*” e “*peçoal auxiliar*”. Sendo a carreira de monitor, o qual realiza as visitas orientadas enquadrado no terceiro grupo. In *Diário da República n.º 67/1980 - I Série*. acedido em 30/11/2014.

*médio com formação inicial diversificada, definida pelas particularidades das colecções e dos objectivos de cada museu.*¹⁶

A política museológica definida pela Lei-Quadro dos Museus Portugueses, salientam que os Serviços Educativos devem inserir-se na programação dos museus com planificação e atividade transversais tanto às funções de comunicação, às funções de preservação e gestão dos respectivos acervos. Semelhante as leis anteriores, a nova lei evidencia a democratização da cultura e enaltece o indivíduo.

Na referida Lei nº 47/2004, de 19 de agosto, a função de educação é definida como uma função museológica essencial e estabelece-se a obrigatoriedade de o museu desenvolver atividades educativas de forma sistemática e periódica em conformidade com sua missão. Assim no artigo 42, observamos:

1 - O museu desenvolve de forma sistemática programas de mediação cultural e actividades educativas que contribuam para o acesso ao património cultural e às manifestações culturais.

2 - O museu promove a função educativa no respeito pela diversidade cultural tendo em vista a educação permanente, a participação da comunidade, o aumento e a diversificação dos públicos.

*3 - Os programas referidos no n.º 1 do presente artigo são articulados com as políticas públicas sectoriais respeitantes à família, juventude, apoio às pessoas com deficiência, turismo e combate à exclusão social.*¹⁷

Na Lei Quadro no que se refere aos Serviços Educativos nos museus portugueses ainda consta que fazer uma visita orientada a uma determinada exposição permanente ou temporária assegura que os visitantes tenham a compreensão da totalidade da Instituição e suas funções.

Entretanto os museus não possuem somente exposições permanentes ou temporárias, são espaços de apropriação e reapropriação de práticas culturais e sociais de determinadas comunidades.

16. FILIPE, Maria da Graça. *Serviços Educativos em Portugal: Ponto de Situação*. Lisboa. IN: CECA2011. http://www.icom-portugal.org/multimedia/CECA2011_GracaFilipe.pdf. Pp. 1-2, acedido em 16/01/2015.

17. Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto. IN: *Diário da República n.º 195/2004 - I Série* (Lei quadro dos Museus Portugueses).

*Los museos se convierten en espacios fundamentales para la resignificación, la apreciación y valoración del patrimonio tangible e intangible de las sociedades. Tiene la capacidad de crear experiencias memorables, significativas y altamente contextualizadas, y es en estas vivencias donde se detonan en el públicos procesos de aprendizaje. El éxito de la difusión, comunicación y exhibición de los bienes tangibles e intangibles es entonces más efectiva si conectamos la naturaliza del aprendizaje y la construcción de significado.*¹⁸

É consensual o entendimento dos museus como territórios de participação, que visam uma mediação significativa entre a coleção e exposição e os seus visitantes, promovendo momentos de encontro, reflexão e construção de conhecimentos, considerando as múltiplas formas de aprender, de ver e de sentir.

Segundo Sandra Silva:¹⁹

A maioria dos museus concebe as suas ações educativas após a inauguração das suas exposições, atribuindo esse dever a técnicos dos museus que agem agora isolados sem apoio dos conservadores ou dos especialistas que estiveram envolvidos na proposta expositiva .

O Serviço Educativo de uma instituição museológica ao elaborar as suas visitas orientadas cerca-se de conceitos de educação e aprendizagem, necessitando também conhecer o seu público, para que o processo cognitivo seja gratificante e contínuo, fortalecendo as relações entre instituição e público alvo. Lembramos que a motivação do público pelo responsável do Serviço Educativo traz um desejo por mais e novas informações sobre os museus e seus acervos.²⁰

Para além disso o Serviço Educativo de uma instituição museológica, não tem somente a função de elaborar guiões e acompanhar as visitas orientadas. Ainda dentre as suas funções podemos destacar; a elaboração de catálogos para as exposições, textos de parede e sala, garantir a acessibilidade dos públicos, elaborar e divulgar exposições e acervos, oferecer oficinas lúdicas, enfim garantir toda a comunicação dentro da instituição.

18. JURADO, Ricardo Rubiales Garcia. *Educación e interpretación em museos*. México, Documetación, 2013. p.05.

19. SILVA, Sandra Patrícia de Jesus. *Visita Guiada: Uma estratégia da educação museal.*, Lisboa, UFNL-FCSH, 2011, (Tese de Mestrado), p. 15.

20. Informação recolhida de: FALK, John, LYNN, Dierking and ADAMS, Marianna. *Living in a learning society. Museums and free-choice learning*. IN: MACDONALD, Sharon. *A Companion to Museum Studies, England*, Blackwell Publishing, 2006, pp. 323-339.

Em Portugal os Serviços Educativos são uma realidade generalizada, tentando deslocar o foco do objeto para os visitantes e, ainda, equilibrar os papéis dos conservadores, difusores, curadores e mediadores de exposições sejam elas permanentes ou temporárias. Muito disto se deve ao fato de não haver ainda se realizado estudos de avaliação dos públicos e de sua cooperação, a dos museus, com as áreas de educação formal e não formal.

Atualmente Portugal está em um momento de reinvenção do papel da educação nos museus e de seus interlocutores.²¹ Esta é a hora de mudar os conteúdos das visitas orientadas, suas formas de mediação, seus guiões. Levando-se em conta que o público é participante e gerador de saber, assim as mudanças necessárias ocorrem continua e paralelamente ao Serviço Educativo do museu.

Sara Barriga ainda destaca:²²

Não obstante este enquadramento, o português, registaram-se nas apresentações um conjunto de boas práticas, reflexos da qualidade das ações programadas por Serviços Educativos de tutela diversa, com histórias mais ou menos recentes, cuja aposta se centra de forma clara na qualidade dos recursos humanos e nos materiais que se oferecem regularmente aos públicos, bem como no trabalho colaborativo e no investimento centrado na experiência singular do confronto com a cultura.

Destacaram-se intervenções pertinentes sobre o papel dos museus na educação da sociedade, no seu contributo para a promoção da cidadania lúcida, mobilizadora da construção crítica de conhecimento, esclarecendo-se liminarmente que a função destes serviços não se centra na angariação de públicos, mas antes na educação que visa a formação de cidadãos livres e esclarecidos.

Entretanto, segundo o artigo de David Fleming²³ a sociedade lança novos desafios e exigências. Os museus precisam adotar políticas de inclusão social, financeira e tecnológica para poderem evoluir e serem considerados locais de permanente mudança.

Os visitantes não querem somente ir aos museus contemplar os seus acervos eles

21. Informação recolhida de: SILVA, Suzana Gomes. *Maria Acaso: situación actual de la educación em los museos de Artes Visuales*. IN: MIDAS [on line], posto on line em 09/06/2014, pp. 01-06. Disponível em: <http://midas.reveus.org/459>. acedido em: 13/10/2014.

22. BARRIGA, Sara. *Serviços Educativos em Portugal: Ponto de Situação, Documentos de Recomendações*. Lisboa. IN: CECA2011.

Disponível em: <http://www.icom-portugal.org/multimedia/CECA2011SaraBarriga.pdf>. acedido em 16/01/2015

23. Informação recolhida de: FLEMING, David. *Ideia chave: estratégias para conseguir a mudança nos museus*. IN: *Museologia.pt*, Instituto dos Museus e Conservação, ANO II, 2008, pp. 247-257.

querem participar, comentar, criar e contribuir, para poderem desfrutá-los e entendê-los melhor. Para isso muitas vezes é necessário a utilização da tecnologia para tal fim.

Os museus querem alargar o seu lugar de memória para um espaço de encontro social. Assim os públicos se apropriaram cada vez mais de outros espaços dos museus, que não são as salas de exposição, invadem seus jardins, bibliotecas, lojas e cafés, como é o caso da Cafeteria e Jardins do Museu Gulbenkian e do Restaurante e Cafeteria do Museu Nacional de Arte Antiga, todos situados na capital lisboeta.

Muitos museus tiram partido das comemorações que ocorrem todos os anos intituladas Noite nos Museus no dia Internacional dos Museus a dezoito de maio, para atraírem um maior número de visitantes e uma fidelização deste público para com a instituição.

Para Jorge Alves dos Santos .²⁴

Estas alterações têm provocado ao nível dos museus mudanças das suas funções e em articular na forma como se relacionam com a sociedade, uma vez que se verifica a passagem de uma postura mais fechada e centrada na sua coleção para uma postura mais aberta, comunicativa e em busca de quem o rodeia. A comunicação passa a ser uma função tão essencial como qualquer uma das outras funções.

Desta forma os Serviços Educativos garantem o museu como um espaço de representação, comunicação e educação e que seus acervos sejam instrumentos comunicadores e intermediários entre a ideia que se quer transmitir ao público alvo de um determinado período histórico, artístico ou sociológico. E com isso se cumpra a sua função de lugar público de aprendizagem.

A tecnologia moderna parece oferecer novas possibilidades não só para aumentar o acesso e a interpretação, mas também para fazer uma ponte entre memória histórica e memória coletiva [...].²⁵

Sabemos que os museus portugueses carecem do uso de novas tecnologias, páginas de *internet* com *design* mais moderno, atrativo e interativo, plataforma de dados compartilhada e atualizada, audioguias para telemóveis , aplicativos para telemóveis,

24. SANTOS, Jorge Alves. *A parceria como forma de articulação dos museus da Rede Portuguesa de Museus*. IN: *Museologia.pt*, Instituto dos Museus e Conservação, ANO V, 2011, pp. 60.

25. MENSCH, Peter Van. *Notas sobre os arredores, património e as novas tecnologias*. IN: *Musas, Revista Brasileira de Museus e Museologia*. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Museus, nº 04, 2009, pp.13.

portáteis e *tablets*, tal técnica necessita de apoio financeiro do poder público ou privado e treinamento para os agentes dos Serviços Educativos. Também segundo Peter Van Mensh²⁶ as novas tecnologias também criam oportunidades para interatividade com o património. Facilitando a frequência e o interesse dos mais jovens aos museus.

Entretanto muito se tem feito no âmbito dos museus portugueses, mesmo com a crise que assola os país desde 2001 e os poucos recursos repassados a estas instituições. Tomamos como exemplo o programa MATRIZ, que disponibiliza a um público alargado informações de inventário e relativa às exposições, as equipas de trabalho do Serviço Educativo têm-se empenhado na divulgação e aproximação com o público através da internet e redes sociais²⁷, entre elas o Facebook e o Twitter.

Joana Monteiro e Rui Ferreira da Silva, alertam que: ²⁸

O uso incorrecto ou excessivo dos meios tecnológicos nos museus pode ser prejudicial: quando os meios ofuscam os conteúdos, quando a percepção e a fruição dos patrimónios se tornam missões perante a esfuziante panóplia de dispositivos visuais e sonoros que por vezes encontramos nos mais diversos contextos expositivos.

Mas é fato que a tecnologia ainda pouco habita os museus portugueses. Temos como exemplo a exposição ocorrida entre março e novembro de 2009, que teve lugar no Museu Nacional de Arqueologia, intitulada: *A Olaria Romana da Quinta do Rouxinol*, onde foram usados programas com diferentes aplicações digitais, como a aplicação em 3D, que recriava o funcionamento dos fornos da olaria.²⁹ Estas novas tecnologias serviram como um instrumento auxiliar nas visitas orientadas da exposição em si.³⁰

Para além da tecnologia as direções dos museus e seus serviços educativos têm buscado público que acabam por também visitar suas coleções, parcerias para a realização de exposições temporárias que atraem um grande e heterogêneo público.

Tomamos como exemplo a parceria com a empresa *Everything is New*, que tem organizado grandes exposições pagas, como a que aconteceu no Museu Nacional de

26. Idem Ibidem.

27. Informação recolhida de: CURVELO, Alexandra. *Museus e inovação tecnológica*. IN: *Museologia.pt*, Instituto dos Museus e Conservação, ANO III, 2009, pp. 127-154.

28. MONTEIRO, Joana Sousa e SILVA, Rui Ferreira. *Museus na rede: a presença dos museus portugueses na internet*. IN: *Museologia.pt*, Instituto dos Museus e Conservação, ANO III, 2009, pp. 155-162

29. Informação disponível em:

http://www2.cmseixal.pt/pls/decomuseu/web_extract_external.get_external?code=1344481&col_ext=content1&tab=com_publication. acedido em 27/01/2016.

30. Informação recolhida de: CURVELO, Alexandra. *Museus e inovação tecnológica*. IN: *Museologia.pt*, Instituto dos Museus e Conservação, ANO III, 2009, p. 127.

Arte Antiga, de Rubens, Brueghel e Lorrain entre dezembro de 2013 a março de 2014. Levando mais de 80 mil visitantes, muitos destes nunca tinham lá estado.³¹

No meu entender o turismo faz bem aos museus, tanto que em épocas de férias leva as instituições receitas que se revertem em benefícios para todos, pois a administração financeira dos museus cabe a Direção Geral do Patrimônio Cultural (DGPC), que os distribui entre a Rede Portuguesa de Museus.

Entretanto, sabemos que o grande público (escolares, comunidade, turistas), são o grande alvo dos museus, não só em Portugal, mas em outros países, pois desta forma há um aumento de receitas. Mas para isso lembramos que ao avanço tecnológico é necessário, como também um certo ordenamento no serviço educacional dos museus.

Pois somente visitas orientadas, palestras, ateliês e cursos de formação para profissionais da área não bastam. É preciso que a comunidade em geral entenda que o museu tem seu valor cultural e social e o apoie em novas campanhas, e que façam os museus repensar o papel político, ideológico e social que lhe é atribuído.

31. Empresa de entretenimento portuguesa. Disponível em: <http://www.everythingisnew.pt/>. acessado em 27/01/2016

3. Estudo de Caso: O Serviço Educativo do Palácio Nacional da Ajuda

O Palácio Nacional da Ajuda, ou Paço de Nossa Senhora da Ajuda, é um monumento nacional português, situado na freguesia da Ajuda, em Lisboa. Antigo Palácio Real é hoje em grande parte um museu, estando instalados no restante edifício a Biblioteca Nacional da Ajuda e a Direção Geral do Património Cultural. O Palácio e o Museu são geridos pela Direção Geral do Património Cultural e pela Presidência da República.

Ajuda é uma freguesia portuguesa do concelho de Lisboa, com 2,88km² de área e 15 617 habitantes (2011) ³². Atualmente a Ajuda tem vindo a perder população devido à crescente tendência da população se deslocar para a periferia da capital. ³³

O Palácio Nacional da Ajuda tem como missão o estudo, a conservação e restauro, a valorização e a divulgação das colecções da Casa Real que constituem os seus acervos, bem como manter a autenticidade dos seus interiores enquanto residência histórica. Para tal, apresenta um programa de acções de cariz pedagógico e interpretativo para o público numa perspectiva de aprendizagem ao longo da vida das diferentes colecções de arte, do edifício e seu enquadramento histórico, bem como um espaço de realização de actividades de reconhecido interesse cultural.

A visão vem a ser um museu de referência europeu, enquanto antiga residência real, pelos trabalhos desenvolvidos em torno do estudo e divulgação das suas colecções. ^{34 e35}

O edifício começou a ser construído em 1796, após um ano e meio do incêndio da Real Barraca que albergava a Família Real desde o terremoto de 1755. O projeto foi confiado ao arquiteto Manuel Caetano de Souza (1796-1801) de acordo com tendências do período Barroco Final.

Uma reformulação do projeto original feita em 1802 pelos arquitetos José Costa e Silva (1802-1813) e Francisco Xavier Fabri (1802-1807) fez com que a traça do edifício passasse a ser de linhas neoclássicas. ³⁶

32. Sítio eletrónico: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ajuda_\(Lisboa\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ajuda_(Lisboa)) acedido em 05/10/2014.

33. Sítio eletrónico <http://www.jf-ajuda.pt> acedido em 05/10/2014.

34. Informações prestadas pelo Senhor Diretor do Palácio Nacional da Ajuda, Mestre Dr. José Alberto Ribeiro por correio eletrónico em 05/02/2015.

35. ANEXO I.

36.. XAVIER, Hugo, *Galeria de Pintura no Real Paço da Ajuda*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013.

Fatores de natureza diversa foram imprimindo um ritmo descontínuo da obra, nomeadamente a partida da Família Real para o Brasil em 1807, as invasões napoleônicas e a escassez de recursos financeiros.

Com a subida ao trono de D. Luís I (1838-1889) uma nova etapa se iniciou na vida do Palácio, caído no esquecimento até 1861, pois a Família Real Portuguesa habitava o Palácio das Necessidades, este monarca decidiu fazer do Palácio da Ajuda sua residência. Realizando obras na sua estrutura e encomendando um recheio europeu e moderno para a época, para dotar os espaços de conforto para sua habitação.³⁷

Em 1910, durante a instauração do regime republicano e consequente exílio da Família Real, o Palácio foi encerrado e feito um Arrolamento Judicial entre os anos de 1910 e 1913 do seu recheio e o edifício torna-se uma *garde muebles* dos antigos paços reais centralizando a redistribuição deste património entre os diversos Ministérios e Embaixadas portuguesas pelo mundo.

Entre os anos de 1940 e 1968 o acesso ao Palácio é restrito, com um cartão de autorização emitido pela Direção Geral da Fazenda Pública. Os visitantes são na maioria curiosos e famílias interessadas, nucleares ou alargadas com filhos, desejosas de observar como era o quotidiano da Família Real Portuguesa. O Palácio Nacional da Ajuda foi aberto ao público em março de 1968, e desde então a equipa de técnicos tem feito uma reconstituição tão aproximada, quanto possível da residência real, alicerçada numa exaustiva e rigorosa investigação histórica.

Hoje além de abrigar importantes coleções de artes decorativas datadas do século XV ao século XX, ainda serve de palco para cerimónias da Presidência da República.

As coleções do Palácio Nacional da Ajuda são apresentadas ao público integradas nas salas, conforme eram utilizadas e vividas pela família real. Por esta razão e por questões de conservação e segurança, muitas peças do acervo do palácio não estão expostas ao público.

No que se refere às coleções, em particular, são de salientar os núcleos dos séculos XVIII e XIX: ourivesaria, joalheria, têxteis, mobiliário, vidro e cerâmica, bem como as coleções de pintura, gravura, escultura e fotografia.³⁸

37. Informação recolhida de: XAVIER, Hugo, *Galeria de Pintura no Real Paço da Ajuda*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013.

38. Informações recolhidas em consulta realizada ao sítio da MATRIZNET. www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objetos/ObjetosListar.aspx?TipoPesq=3&NumPag=2&RegPag=50&Modo=1&Critério=&SubTipoPesq=1&PorMuseu=30 acedido em 16/01/2015.

A cerâmica³⁹ tem um papel de relevo nas artes decorativas expostas no Palácio Nacional da Ajuda, cujo acervo incorpora cerca de 17.000 peças em porcelana, faiança e grês. De fabrico europeu ou oriental, com funções utilitárias ou decorativas, com peças provenientes das coleções da Coroa, especialmente porcelana chinesa de exportação, presentes diplomáticos e cerâmicas europeias, na maioria alemãs ou francesas.

A coleção de escultura⁴⁰ do Palácio Nacional da Ajuda integra cerca de quatrocentas obras, produzidas na maioria entre a primeira metade do século XIX e a segunda década do século XX. Deste acervo fazem parte obras em mármore, bronze, madeira, marfim e gesso, onde se revêm as escolas italiana, portuguesa e francesa.

A coleção de fotografias⁴¹ impressiona pela variedade de autores e espécies reunidas, é uma coleção cujo percurso permite traçar a história da fotografia em Portugal. Integra múltiplas tipologias, desde as albuminas, ao cianótico, daguerreotipo, fotogravura, miniaturas, chapas de vidro, espécies pintadas, ampliadas, em álbuns, com inúmeros formatos e tipos de suporte – cartão, porcelana, tecido, esmalte entre outros.

A joalharia⁴² caracteriza-se por uma grande diversidade de tipologias e proveniências de finais do século XVII a finais do século XIX. Dentro desta coleção distinguem-se dois grandes núcleos: As Joias da Coroa, também designadas por Joias de grande aparato da Casa Real, constituído por peças predominantemente do século XVIII e de produção nacional. O segundo núcleo, designado por Joias do Quotidiano é constituído por várias tipologias de adorno para uso corrente, no qual prevalecem os exemplares oitocentistas, originários das oficinas nacionais, mas também das francesas e das italianas.

A coleção de metais⁴³ reúne um vasto e heterogéneo acervo de peças de carácter utilitário e decorativo, na sua maioria, oitocentistas. A proveniência é sobretudo europeia, destacando-se os bronzes decorativos franceses e peças de prata. europeus mesclados com influências orientais, exóticas e naturalista.

Reunido pela Casa Real ao longo da segunda metade do século XIX, o conjunto de bens móveis do Paço da Ajuda é um espelho das coleções europeias suas congéneres.⁴⁴

Continuamente enriquecida num período próspero, e no qual se deu o apogeu da

39. Sítio eletrónico: <http://www.palacioajuda.pt/> acedido em 05/12/2014.

40. Informação recolhida de: Sítio eletrónico: <http://www.palacioajuda.pt/> acedido em 05/12/2014.

41. Informação recolhida de: Sítio eletrónico: <http://www.palacioajuda.pt/> acedido em 05/12/2014.

42. Informação recolhida de: Sítio eletrónico: <http://www.palacioajuda.pt/> acedido em 05/12/2014.

43. Informação recolhida de: Sítio eletrónico: <http://www.palacioajuda.pt/> acedido em 05/12/2014

44. Informação recolhida de: AA.VV, *Palácio Nacional da Ajuda*, Lisboa, Quidnovi/IMC, 2011.

cópia, a coleção exemplifica o ecletismo da época: múltiplos estilos.

A coleção de ourivesaria⁴⁵ integra uma grande diversidade e proveniências, datáveis do século XIV a inícios do século XX. Distinguem-se na sua constituição três núcleos: pratas da coroa, ourivesaria religiosa e pratas decorativas e utilitárias.

Formada a partir do espólio da antiga Casa Real, a coleção de têxteis⁴⁶ é caracterizada por uma grande diversidade de técnicas, locais de origem e datas diversas. É constituída por objetos artísticos das antigas coleções reais, datadas dos séculos XVII e XVIII, e por um diversificado conjunto de objetos ligado ao quotidiano da Família Real durante cerca dos últimos de 50 anos da Monarquia portuguesa.

*Constituída essencialmente por objectos ligados ao quotidiano da Família Real portuguesa e do Paço da Ajuda na segunda metade de Oitocentos, da coleção de traje destacam-se os dois mantos reais, com importante valor simbólico na sua qualidade de objectos de regalia da Coroa Portuguesa.*⁴⁷

A coleção de vidro⁴⁸ do Palácio Nacional da Ajuda é constituída por cerca de 12.500 peças, provenientes do espólio da antiga Casa Real. Inclui vidro utilitário, decorativo, luminária e vidraça. As peças situam-se maioritariamente, na segunda metade do século XIX e princípio do século XX, correspondendo ao período que marcou a vivência da rainha D. Maria Pia no Palácio da Ajuda, entre 1862-1910.

A narrativa descrita acima, em relação as coleções do Palácio Nacional da Ajuda têm como objetivo elucidar a importância destas e salientar de que forma o Serviço Educativo desta instituição, inicia a visita orientada aos escolares e ao público em geral. Sendo a explicação mais detalhada ou menos específica conforme a faixa etária dos visitantes e quanto ao interesse destes pelo acervo do Museu.

Entretanto após a abertura do Palácio Nacional da Ajuda ao público em meados da década de 1960 e a reconstituição de suas salas e espaços o Serviço Educativo do Museu em 1989 inicia um projeto para a implantação de um guião de visitas e organização das visitas orientadas.

Uma das principais conquistas do Serviço Educativo, na década de 1990 do século

45. Informação recolhida de: Sítio eletrónico: <http://www.palacioajuda.pt/> acedido em 05/12/2014.

46. Informação recolhida de: Sítio eletrónico: <http://www.palacioajuda.pt/> acedido em 05/12/2014.

47. XAVIER, Hugo, *Galeria de Pintura no Real Paço da Ajuda*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013.pp. 52-53.

48. Informação recolhida de Sítio eletrónico: <http://www.palacioajuda.pt/> acedido em 05/12/2014.

XX, foi a abertura das salas em percurso livre durante as visitas orientadas.

Antes as visitas orientadas eram feitas sala por sala e as portas abertas e fechadas, à chave pelo guia conforme o avanço do público, que as trancava assim que a visita estava terminada.

Segundo o Dossiê do Serviço Educativo da exposição *No rastro dos Tesouros Reais* de 1991, ofício de 20 de maio: “Até janeiro de 1990 não havia nenhuma estrutura com carácter pedagógico para receber o público jovem”.⁴⁹

O projeto piloto a exemplo de outros museus europeus foi gerido pela Dr^a. Teresa Valente em conjunto com a Dr^a. Cristina Neiva Corrêa, Dr^a. Maria do Carmo Rebelo Andrade, Dr^a Maria Isabel Falcão e o Dr. João Mendes Pinto.

Tinham como objetivos cativar e fidelizar os públicos, sobretudo os escolares, formação de professores e proporcionar visitas orientadas com temas específicos e diferenciados. Criaram dois temas para visitas orientadas da coleção permanente: "O Quotidiano da Família Real"⁵⁰ que inclui visita ao Piso Térreo e "Um Dia de Gala no Paço da Ajuda"⁵¹ que inclui visita ao Andar Nobre. Sendo os temas adaptáveis consoante os grupos e necessidades educativas.

Ainda foram elaboradas outras exposições e guiões de carácter temporário e pequenos folhetos explicativos para o público, das quais citamos: *No rasto de tesouros reais* de 1991⁵², *No tempo real: coleção de relógios do Paço da Ajuda*, de 1996⁵³, *Safari no Museu*,⁵⁴ e ainda *Sonhos de uma noite de verão* de 2001⁵⁵. Sendo que esta exposição foi a última a ser feita especialmente para o público infanto-juvenil.

Para além das visitas orientadas realizadas pelo Serviço Educativo pelas salas do Palácio, foi criado um teatro de fantoches sobre o quotidiano da Família Real dirigido aos alunos pré-escolares.

Este Teatro de Fantoches foi criado na década de 2000 e ainda está em uso pelo Serviço Educativo⁵⁶, que fazem as vozes dos personagens.

49. Relatório das Atividades do Palácio Nacional da Ajudas, do ano de 1991, p.30.

50. Anexo II.

51. Anexo III.

52. Anexo IV.

53. Anexo V.

54. Anexo VI.

55. Anexo VII.

56. Anexo VIII, via e-mail enviado pela Dr^a. Carla Teresa Silvestre Lopes Marecos, em 13 de março de 2015.

A partir do segundo semestre de 2015 os fantoches, do Real Teatrinho estão passando por uma remodelação feita por uma voluntária, os transformando em mais modernos e atrativos para as crianças menores.

Também foi iniciada aproximação mais intensa com a ACAPO⁵⁷/ Helen Keler⁵⁸, escola para cegos e a APIA⁵⁹, escola inclusiva para alunos com necessidades educativas especiais da Freguesia da Ajuda.

Cabe lembrar que os profissionais, Dr^a. Teresa Valente, Dr^a. Cristina Neiva Corrêa, Dr^a. Maria do Carmo Rebelo Andrade, Dr^a Maria Isabel Falcão e o Dr. João Mendes Pinto iniciaram o Serviço Educativo, realizando suas formações no Museu Nacional de Arte Antiga e no Museu Gulbenkian, que nesse momento eram, e ainda são, os principais formadores para serviços educativos de Portugal.

Após a diversificação e quatro equipas de trabalho mais tarde o Serviço Educativo do Palácio Nacional da Ajuda, atualmente passa por uma reestruturação quanto aos seus objetivos e a sua missão, conta ainda com duas técnicas superiores, a Dr^a. Carla Teresa Silvestre Lopes Marecos e a Dr^a. Maria de Fatima Vasconcelos Patacho, bem como o apoio de quatro voluntárias com formação na área da educação para a realização de visitas orientadas.

Muito já foi feito pelo Serviço Educativo do Palácio Nacional da Ajuda como a exposição de Joana Vasconcelos, em parceria com a empresa Everything is New, que se apropriou de espaços do Palácio da Ajuda para expor suas obras de arte, levando ao museu 235 mil visitantes, a Direção e o Serviço Educativo receberam pessoas que nunca tinham lá estado para conhecerem seus acervos e coleções e apreciarem a exposição da artista. Além dos guias da empresa organizadora, coube também ao Serviço Educativo orientar as visitas, bem como orientar as visitas de cegos, pessoas com mobilidade reduzida e com alguma necessidade especial.⁶⁰

Neste período o Serviço Educativo do Palácio da Ajuda está avançando com múltiplos projetos, entre eles a produção de um folheto em parceria com a instituição Helen Keller em Braille com 15 páginas, tamanho A4 com texto bilingue e 4 relevos

57. ACAPO - Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal Sítio: <http://www.deficienciavisual.pt/contactos.htm>, acedido em 16/01/2015.

58. Helen Adams Keller (Tuscumbia, 27 de junho de 1880 — Westport, 1 de junho de 1968) foi uma escritora, conferencista e ativista social estadunidense. Primeira pessoa surda e cega a conquistar o bacharelado em artes. Sítio http://pt.wikipedia.org/wiki/Helen_Keller, acedido em 16/01/2015.

59. Associação de Proteção à Infância da Ajuda. Sítio: <http://www.apiaajuda.com/quem-somos>, acedido 16/01/2015.

60. Anexo IX.

em braille de obras das coleções do Palácio. Serão produzidos 7 folhetos em braille estes estarão à disposição do público na Sala dos Archeiros. Este programa de visita está sendo produzido pelo Dr. Professor Carlos Martins, do Instituto Nacional de Reabilitação como forma de mecenato.

Também está sendo atualizado pelas técnicas do Serviço Educativo o sítio eletrônico do Palácio Nacional da Ajuda e a implantação de um texto da linguagem gestual portuguesa de sinais, feito em parceria com o Instituto Nacional de Reabilitação, pelo Dr. Professor Carlos Martins.

O Serviço Educativo do Palácio Nacional da Ajuda, também recebe alunos das Universidades de Lisboa dos cursos de História da Arte, História e Turismo para o estágio curricular de 230 horas, deste modo além de todos os projetos que estão em andamento, o Serviço Educativo também precisa supervisionar os estagiários. Que além de trazerem novas experiências também atuam nas visitas orientadas, seja na forma de contato com as escolas ou na própria visita após um treinamento.

3.1 Público Alvo:

O Serviço Educativo do Palácio Nacional da Ajuda ainda hoje empenha-se em cativar visitantes de todos os segmentos da sociedade portuguesa e de turistas.

Entretanto a maioria de seu público é o escolar, alunos do pré-escolar, do primeiro e segundo ciclos, alunos do 9º ano do terceiro ciclo do Ensino Básico e alunos do Ensino Secundário. Bem como os alunos universitários de cursos regulares e sêniores de História da Arte, História, Arquitetura, Engenharias e Biologia. Todos vão ao Palácio com a intenção de conhecer um pouco mais da história de Portugal, apreciar seu estilo neoclássico e conhecer o quotidiano da Família Real Portuguesa.

O Serviço Educativo desta instituição museológica, a partir do segundo semestre de 2014, iniciou uma parceria com a Câmara de Lisboa, no Projeto Passaporte Pré-escolar. Em consulta ao sítio da Câmara de Lisboa, observamos, os objetivos e intenções do programa Passaporte Pré-escolar:

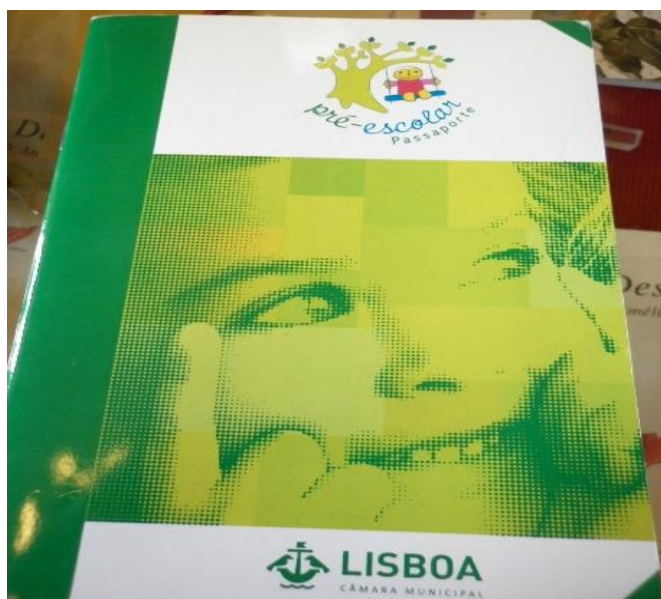
Destinado aos alunos do ensino " pré-escolar da rede pública, este programa visa promover a educação não formal, assumindo como missão ser promotor de uma oferta educativa alargada e diversificada e contribuir para a formação de cidadãos conscientes e informados.

Assentando numa proposta que tem por base três áreas de conteúdo - formação pessoal e social; expressão e comunicação; estudo e conhecimento do mundo- o Programa tem como principal objetivo promover e criar as condições para o desenvolvimento e aprofundamento de competências e valências das crianças, através de visitas a equipamentos que promovam as referidas áreas.

Como tal, foi criado um Passaporte Pré-Escolar físico, atribuído a cada criança, que é apresentado em cada visita de estudo e carimbado pelo equipamento, com a finalidade de a criança, ao concluir o ciclo letivo do ensino Pré-Escolar, ter o registo do seu percurso na educação não formal, da Cidade de Lisboa.

A fim de reunir toda a oferta educativa, foi desenvolvido o Guia da Oferta Educativa, de todos os interlocutores para o passaporte pré-escolar, o qual é divulgado às sedes de agrupamento e jardins-de-infância no início de cada ano letivo.

A participação das escolas neste programa é gratuita, prevalecendo à oferta educativa de atividades também gratuitas. Maioritariamente os transportes das crianças e do pessoal docentes são assegurados pela Câmara Municipal de Lisboa.⁶¹



Crédito ©Luciana Meirelles

A visita dura em média 1 hora e 45 minutos, tendo como valor de entrada cinco euros, sendo que estudantes, crianças até 12 anos, funcionários da Direção Geral do Património (DGPC) e pessoas com mobilidade reduzida e seu acompanhante, têm

61. Sítio eletrónico: <http://www.cm-lisboa.pt/viver/educacao/dentro-da-escola/projetos-promovidos-pelo-municipio> acedido em 16/01/2015.

entrada livre. As escolas têm entrada gratuita o público sênior e os estudantes tem 50% de desconto no bilhete.

O Palácio Nacional da Ajuda além de receber o público escolar também recebe outros públicos interessados na história portuguesa e no seu rico acervo de arte e mobiliário, que podem também solicitar visitas orientadas ao serviço educativo com agendamento prévio.

Seu maior público como não deixaria de ser, são os estudantes, os de nacionalidade brasileira, que têm curiosidade de sua ligação com a Família Real Portuguesa e a francesa, pois contem um verdadeiro e único espólio de artes decorativas com coleções que vão do século XV ao século XX.

Não deixando de contabilizar todos os estrangeiros e nacionais que lá vão para apreciar sua bela coleção e exposições temporárias.

Em 2014 segundos dados da Direção Geral do Património Nacional, o Palácio Nacional da Ajuda foi visitado por 53.534 pessoas, em detrimento ao ano anterior que este recebeu mais de 200 mil pessoas devido a exposição da artista Joana Vasconcelos.⁶²

Observamos que o Serviço Educativo do Palácio Nacional da Ajuda desempenha suas funções museológicas e educativas em conformidade com as leis portuguesas de fomento a cultura e educação como também com as diretrizes do ICOM. Entretanto passa por um período de reformulação que apresentará seus resultados em breve para a comunidade envolvente e usuária do Palácio.

3.2. Visitas Orientadas:

As visitas orientadas são organizadas por profissionais do Serviço Educativo e acompanhadas por pessoal técnico de modo a dar a conhecer o acervo do museu. De forma a contemplar tanto o público adulto quanto o adolescente e infantil; abordando as obras de arte, mobiliário, estatuária enfim todo recheio deixado pela Família Real Portuguesa no fim do período monárquico.

A partir dos pontos de vista histórico, estético e social ; propiciar um processo de

62. Informação recolhida de <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/>. acessado em 07/02/2016.

aprendizagem com a participação ativa do público; trabalhando em parceria com instituições escolares, mas como espaço educacional independente.

O Palácio Nacional da Ajuda conta com três tipos de visitas orientadas para escolas, a primeira é feita pelos técnicos e voluntários do Serviço Educativo do Palácio, seguindo um percurso no piso térreo ou no piso superior. A segunda visita, é feita em regime livre, ou seja, são os professores que fazem a visita com seus alunos, onde recebem apoio técnico e documental do serviço educativo. E a terceira visita está indicada para os mais pequeninos, entre 4 e 6 anos. A atividade integra um teatro de fantoches, que precede a visita ao piso térreo, através do qual é feita uma introdução ao quotidiano da Família Real. Mas também há visitas para grupos sêniores, turistas nacionais, os estrangeiros e público em geral. Todas estas têm sempre agendamento prévio.

No atual momento as visitas orientadas do Palácio Nacional da Ajuda têm sido realizadas por 4 voluntarias e pelas técnicas superiores responsáveis a Dr.^a. Carla Teresa Silvestre Lopes Marcos e a Dr.^a. Maria de Fatima Vasconcelos Patacho.

Em um primeiro contato, as escolas fazem a visita orientada do piso térreo, chamada o Quotidiano da Família Real, a visita dura por volta de 1 hora. Esta visita está indicada para crianças a partir dos seis anos de idade.

Para grupos escolares que já conhecem o Palácio Nacional da Ajuda, é indicada a visita ao piso nobre, conhecida como "Um Dia de Gala no Paço da Ajuda", esta visita é também indicada para alunos a partir do 9º ano.

Observei uma visita orientada do piso térreo para a Escola de Ensino Básico Praias do Sado, do Concelho de Setúbal, alunos do 1º, 2º, 3º e 4º ano do primeiro ciclo. A escola conta com 4 turmas mistas, 2 professoras e 38 alunos. Os escolares e professores foram acolhidos pela Dr.^a. Maria de Fatima Vasconcelos Patacho e pela voluntária presente. Foram divididos em 2 grupos e algumas orientações foram dadas, sobre a postura e comportamento no museu.

Os alunos maiores do 3º e 4º ano foram mais participativos e conheciam a história de Portugal, fizeram muitas perguntas e responderam muito bem aos questionamentos da Dr.^a. Maria de Fatima Vasconcelos Patacho.

Entretanto os alunos menores do 1º e 2º anos, fizeram uma visita consoante a idade, que levava em conta mais a estética do lugar do que a história. Fizeram algumas perguntas, mas rapidamente se dispersavam.

Tanto os alunos quanto os professores estavam bem informados sobre o Palácio Nacional da Ajuda e fizeram perguntas muito pertinentes sobre o mesmo.⁶³

A voluntária foi muito paciente e assertiva com o grupo de alunos. Ao final a visita orientada foi muito produtiva e interessante para os escolares e professores, já que não conheciam o local.

Acompanhei também uma visita orientada ao Teatro de Fantoques para o Jardim Infantil São Francisco Xavier, localizado no Restelo, em Lisboa. Os vinte e três alunos tinham a idade entre três e seis anos de idade.

Estavam muito entusiasmados por conhecerem onde o Rei de Portugal viveu. Mas também pude notar que não estavam preparados para tal visita, as professoras estavam muito preocupadas, porque ali era um lugar de silêncio.⁶⁴

Notamos ainda hoje em vários seguimentos da sociedade consideram que o Museu é um lugar de silêncio, uma catedral na qual se encerra todo o conhecimento e que não devemos desrespeitar este templo, falando ou fazendo perguntas desnecessárias quando de uma visita guiada.

Outra visita que me chamou a atenção foi realizada pela Dr^a. Maria de Fatima Vasconcelos Patacho, foi uma visita que acompanhei também em função da criação de um guião para o meu projeto. A visita incluía somente a área de cerimônias e festas do Palácio, isto é o andar nobre. Foi agendada com antecedência, divulgada no sítio da Instituição e contava com quatorze pessoas. O grupo era bastante heterogêneo, com idades que variavam de sessenta até doze anos. O grupo interagiu bem com a orientadora da visita e ficaram muito interessados na atual sala dos Banquetes Presidenciais.

Notamos nesta visita a diferença entre os dois pisos do Palácio. O piso térreo é um lugar de intimidade e a Família Real passava mais tempo neste local. Já o piso superior é um piso de aparato, só o utilizavam para festas e eventos oficiais.⁶⁵

Ao desenvolver meu Projeto de Mestrado levei em consideração as visitas orientadas, as reuniões com o Serviço Educativo do Palácio Nacional da Ajuda e o

63. Anexo X-Fotos da Visita Orientada da Escola Praias do Sado.

64. Anexo XI-Fotos da Visita Orientada ao Jardim Infantil São Francisco Xavier.

65. Anexo XII-Fotos da Visita Orientada ao ao Piso Nobre, focado nos locais cerimoniais do Palácio.

público alvo que gostaria de atingir. Escolhi para este Projeto o terceiro ciclo do Ensino Básico, pois acredito que como são alunos com idades entre 12 e 15 anos, com maior conhecimento de história e geografia compreenderão melhor a visita orientada.

Ao escolher o tema para este Projeto de Mestrado, levei em consideração, a base curricular do terceiro ciclo do Ensino Básico de Portugal.⁶⁶

Para o 3.º ciclo do Ensino Básico, a aquisição sistemática e diferenciada da cultura moderna, nas suas dimensões humanística, literária, artística, física e desportiva, científica e tecnológica, indispensável ao ingresso na vida activa e ao prosseguimento de estudos, bem como a orientação escolar e profissional que faculte a opção de formação subsequente ou de inserção na vida activa, com respeito pela realização autónoma da pessoa humana.

Entretanto nada impede alunos menores também fazerem esta visita orientada, como uma curiosidade sobre os hábitos da época e o grande aparato que se formou sobre o Palácio Nacional da Ajuda, onde ainda hoje os Banquetes de Estado e seus cerimoniais são lá feitos.

66. Informação disponível:

http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/doc_de_apoio_mc_de_historia_final.pdf, acedido em 29/01/2011.

4. Reflexões Finais

O Serviço Educativo tem finalidade, de facilitar o cumprimento das funções museológicas, a fruição da arte e a aprendizagem dos visitantes. Bem como tornar o Museu acessível para todos os níveis de público.

Após uma pesquisa do acervo do Palácio Nacional da Ajuda, encontrei limitações em manter o formato original do Projeto de Mestrado em Museologia, para fazer uma conexão com a história do Brasil, necessitava que mais peças estivessem em exposição e não em depósito no acervo para a elaboração do guião (9 peças em exposição e 27 em depósito). Em razão disto a execução do Projeto tornou-se inviável.

Como Sandra Silva salienta:⁶⁷

Este documento deve reunir todas as possibilidades de diálogo e opções intervenientes; todo o trajecto da visita deve ser descrito. Entre o conjunto das recomendações que dirigem aos guias, cujo desempenho comparam ao de um actor.

Desta forma proponho fazer um relato do estado da questão em que se encontra o Serviço Educativo do Palácio Nacional da Ajuda. Reitero que não farei juízos de valor quanto ao mérito deste setor tão importante para um museu.

O Serviço Educativo deve estar conectado com todas as áreas da Instituição, mas como sabemos isto as vezes não ocorre, ou por falta de tempo dos funcionários, como por exemplo a Dr.^a Carla Teresa Silvestre Lopes Marecos, além de trabalhar no Serviço Educativo, tem suas funções como conservadora de relógios e objetos científicos e também obrigações para com a loja do Palácio.

Há necessidade de novas contratações e renovações dos quadros do Museu. Não há verba pública para tal. Somente o trabalho de voluntários, sempre bem vindo, não é competente para todas as funções do Serviço Educativo, existe a necessidade de contratação de técnicos de nível superior para aprimorar o trabalho deste.

Ao observar o trabalho do Serviço Educativo, notei que exerciam uma carga muito ampla de tarefas, apesar de serem muito organizadas e as marcações das visitas bem agendadas. Estavam em uma sala muito pequena, onde seria difícil realizar trabalhos

67. SILVA, Sandra Patrícia de Jesus. *Visita Guiada: Uma estratégia da educação museal*. Lisboa, UFNL-FCSH, 2011, (Tese de Mestrado). p. 45.

lúdicos sobre as visitas, não conseguiam atualizar rapidamente o guião, já desgastado, pois está em uso desde o final dos anos 1980.

Entretanto a nova equipa que começou a trabalhar no início do ano de 2013, passa por uma reestruturação do departamento educativo, mas não deixando de realizar visitas orientadas ao seu público.

O Serviço Educativo tenta mês a mês modificar os seus guiões com informações novas que vão buscar na internet ou mesmo nos arquivos físicos da Instituição. Porém com a excessiva carga de trabalho, em alguns meses não se faz possível esta tarefa.

*A concepção do guião não termina com a primeira visita: - este documento deve estar em contínua elaboração, servindo também para registar os comportamentos dos visitantes ou do guia que participam nas sessões. Esta opção traz conhecimento sobre a experiência proporcionada aos visitantes, e ajuda ainda a perceber por exemplo qual a influência das aptidões pessoais dos guias. A elaboração e a actualização do guião deve ser assegurada pelos guias, no entanto esta autoria pode alargar-se aos visitantes que participam ou a outros técnicos que assistam às sessões, e que nesse âmbito possam ser uma mais-valia para o acréscimo de informação. Obviamente que quer as primeiras, quer estas últimas participações têm que decorrer de uma metodologia própria e da avaliação dos recursos disponíveis para o fazer. Depois é previsível que cada guia faça o seu próprio guião, seleccionando conteúdos e experiências com os quais mais se identifica.*⁶⁸

Nunca deixaram de acontecer atividades no Palácio Nacional da Ajuda, mas com esta nova equipa do Serviço Educativo, as coisas ganharam novo folego e estão avançando, mesmo que em algumas situações batam em entraves institucionais que os impossibilita de realizar todos os seus projetos. Não deixo de destacar que o Serviço Educativo do Palácio Nacional da Ajuda sempre cumpriu com suas funções pedagógicas, mesmo neste cenário de crise.

Salvo o contexto atual, existem atividades acontecendo no Palácio, tais como concertos, exposições de Branislav Mihajlovic, que contam com o apoio do Palácio Nacional da Ajuda, do Consulado da Sérvia e da Direção Geral do Património Cultural.⁶⁹

68. *Idem, ibidem.* p.45.

69. Disponível: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/agenda/exhibitions/instantes-de-luz-no-paco/>. acedido em 08/02/2016.

Apesar de seu público alvo ser a comunidade escolar de Lisboa e arredores, principalmente da Freguesia da Ajuda, onde desenvolve parcerias com escolas locais, o Palácio tem recebido muitos turistas estrangeiros para conhecer seus acervos.

Sobretudo brasileiros interessados na sua ligação com o passado de Portugal e franceses também interessados no seu grande acervo artístico.

Ao Palácio Nacional da Ajuda propõe-se um alargamento de suas atividades, tais como oficinas, saraus, leituras de poesias, assim como buscar uma parceria mais forte e ativa com o grupo de amigos do Museu, aquisição ou consignação e aluguel de áudio-guia. Gerar um certo dinamismo e interesse no sítio do Museu, bem como uma interatividade para os mais jovens.

Se faz necessário atualizar os textos de sala e os tornar mais atraentes e visualmente interessantes e agradáveis, bem como criar textos de parede, desta forma facilitaria as visitas que são feitas pelo público independente.

A saber a crise económica que invade Portugal se faz sentir em todos os setores da sociedade e principalmente no setor cultural. Entretanto a Direção e o Serviço Educativo do Palácio Nacional da Ajuda, já estão alargando suas alternativas, com novas parcerias, mecenatos, comunicação extensiva e programação diferenciada.

A arte de um modo geral está deixando de ser importante, e o Serviço Educativo, por mais que se esforce fazendo, visitas orientadas diferenciadas, exposições, oficinas concertos terá que se adaptar a nova realidade: sem fundos governamentais e moderado mecenato.

Pois o público quer ir, olhar e participar. Existe uma necessidade urgente de novos projetos criativos para que os museus não caiam no esquecimento e se tornem somente um repositório de coisas antigas e valiosas patrimonialmente.

Durante o período em que estive a fazer o Projeto no Palácio Nacional da Ajuda toda a equipa se mostrou interessada e disposta às novas ideias, as quais aqui me refiro.

A redação do Projeto de Mestrado foi muito gratificante e fez com que eu colocasse em prática toda a teoria aprendida durante a componente letiva do Mestrado de Museologia da Universidade Nova de Lisboa.

Neste momento de considerações finais, aproveita-se também para mencionar que este não é um conclusivo, pois seria pretensioso mencionar que o tema se esgota com o presente estudo.

Por fim, como encerramento, acredito que este Projeto seja um contributo para auxiliar nos estudos sobre a educação museal e todos os desdobramentos que ela venha a ter para o Serviço Educativo do Palácio Nacional da Ajuda.

5. Bibliografia

ACASO, Maria (coord). *Situación actual de la educación em los museos de Artes Visuales*. Madrid, Editorial Ariel, Fundación Telefónica, Colección Perspectivas, 2011.

Disponível:

<http://www.mariaacaso.es/libros/perspectivas-situacion-actual-de-la-educacion-en-los-museos-de-artes-visuales-en-espana/>

AA.VV, *Criterios para la Elaboración del Plan Museológico*, Madrid, SGT Ministerio de Cultura, 2005.

AA.VV, *Palácio Nacional da Ajuda*, Lisboa, Quidnovi/IMC, 2011.

AMES, Michael M., *De-schooling the museum: a proposal to increase public access to museums and their resources*. IN: *Museum International – New Directions*, Paris: UNESCO, n.º 145, vol. XXXVII, n.º 1, 1985, pp. 25-31.

Disponível em:

<http://unesdoc.UNESCO.org/images/0012/001273/127344eo.pdf>

ANDRÉ, Marli, *Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade*. IN: *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo (Brasil): Fundação Carlos Chagas, n.º 113, Julho de 2001, pp. 51-64.

Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-5742001000200003&lng=pt&nrm=isso

AZEVEDO, Rosário, *A acção pedagógica do serviço educativo do Museu Calouste Gulbeikian*, IN: *Museologia.pt*, Instituto dos Museus e Conservação, ANO I, 2007, pp. 34-49. Disponível em: <http://issuu.com/imc-ip/docs/museologia.pt-n1>

BARRIGA, Sara. *Serviços Educativos em Portugal: Ponto de Situação, Documentos de Recomendações*. Lisboa. In: CECA2011

Disponível em:

<http://www.icom-portugal.org/multimedia/CECA2011SaraBarriga.pdf>.

BARRIGA, Sara, *Plano de acção educativa: alguns contributos para a sua elaboração*. IN: BARRIGA, Sara, SILVA, Susana Gomes (coord.), (Colecção) *Públicos – Serviços Educativos na Cultura n.º 2*, Porto: SetePés, 2007, pp. 43-56.

Disponível em:

<http://www.setepes.pt/Portals/0/SetePesEdicoes/Colec%C3%A7%C3%A3o%20P%C3%BAblicos%20-%20Servi%C3%A7os%20Educativos.pdf>

BRIGOLA, João Carlos. *A crise institucional e simbólica nas sociedades contemporâneas*. IN: *Museologia.pt*, 154-161. Instituto dos Museus e Conservação, ANO II, 2008, pp.

Disponível em: <http://issuu.com/imc-ip/docs/museologia.pt-n2>

BRÜNINGHAUS-KNUBEL, Cornelia. *A Educação do Museu no Contexto das Funções Museológicas*. IN: Boylan, Patrick J. (ed). *Com Gerir um Museu: Manual Prático*. ICOM, 2004, pp. 128-144.

Disponível em: http://www.icom.org.br:80/Running a Museum_trad_pt.pdf

BUTKUS, Vitor. *Caminhando: descrição do lugar de atuação do mediador*. IN: *Musas, Revista Brasileira de Museus e Museologia*. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Museus, n° 04, 2009, pp. 38-49.

Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/musas20120327.pdf>

CAMACHO, Clara Frayão. *Gestão de Museus: modelos, desafios e mudanças*. IN: *Museologia.pt*, Instituto dos Museus e Conservação, ANO II, 2008, pp. 149-153.

Disponível em: <http://issuu.com/imc-ip/docs/museologia.pt-n2>

CAMACHO, Clara Frayão, *Serviços educativos na Rede Portuguesa de Museus: panorâmica e perspectivas*. IN: BARRIGA, Sara, SILVA, Susana Gomes (coord.), (Coleção) *Públicos – Serviços Educativos na Cultura n.º 2*, Porto: SetePés, 2007, pp. 26-41

Disponível em:

<http://www.setepes.pt/Portals/0/SetePesEdicoes/Colec%C3%A7%C3%A3o%20P%C3%BAblicos%20-%20Servi%C3%A7os%20Educativos.pdf>

CARVALHO, Cristina. *Cultura: conceitos aplicados a espaços culturais*. IN: *Musas, Revista Brasileira de Museus e Museologia*. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Museus, n° 04, 2009, pp. 132-147.

Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/musas20120327.pdf>

CHAGAS, Mário de Souza e STORINO, Cláudia. *Os museus são bons para pensar, sentir e agir*. IN: *Musas, Revista Brasileira de Museus e Museologia*. Rio de Janeiro, Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, nº 03, 2007, pp. 06-08.

Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3831>

COSTA, Catarina Alves e MOURÃO, Catarina. *Imagens em movimento nos Museus: experiências e práticas*. IN: *Museologia.pt*, Instituto dos Museus e Conservação, ANO II, 2008, pp. 03-15.

Disponível em: <http://issuu.com/imc-ip/docs/museologia.pt-n2>

CURVELO, Alexandra. *Museus e inovação tecnológica*. .IN: *Museologia.pt*, Instituto dos Museus e Conservação, ANO III, 2009, pp. 127-154.

DUARTE, Ana, *Museus e Comunidades*. IN: BARRIGA, Sara, SILVA, Susana Gomes (coord.), (Colecção) *Públicos – Serviços Educativos na Cultura n.º 2*, Porto:

SetePés, 2007, pp. 79-89.

Disponível em:

<http://www.setepes.pt/Portals/0/SetePesEdicoes/Colec%C3%A7%C3%A3o%20P%C3%BAblicos%20-%20Servi%C3%A7os%20Educativos.pdf>

DUARTE, Ana, e VITOR, Isabel, “Serviços Educativos e as actividades de extensão Cultural nos museus. O caso dos museus municipais de Setúbal”. In *Cadernos de Sociomuseologia*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Centro de Estudos de Sociomuseologia, n.º 8, 1996

ECO, Humberto, *El museo em el tercer milênio*. IN: *Revista Occidente nº 290-291*, Madrid, España, 2005, pp. 33-53.

Disponível em:

<http://www.ortegaygasset.edu/fog/ver/189/revista-de-occidente/julio-agosto-2005>

FARIA, Margarida Lima de Educação – *museus – Educação*. Lisboa: Centro de Etnologia Ultramarina, Departamento de Ciências Etnológicas e Etnomuseológicas, Instituto de Investigação Científica Tropical – IICT, Projecto: Museus e Educação: Instituto de Inovação Educacional, julho de 2000, pp. 1-29.

Disponível em:

<http://ww.dgidec.min-edu.pt/inovbasic/proj/arte/museus/museuseducacao.Doc>

FALK, John, LYNN, Dierking and ADAMS, Marianna. *Living in a learning society. Museums and free-choice learning*. IN: MACDONALD, Sharon. *A Companion to Museum Studies, England*, Blackwell Publishing, 2006, pp. 323-339.

FARIA, Margarida Lima de, *Avaliação*. IN: BARRIGA, Sara, SILVA, Susana Gomes (Coord.), (Coleção) *Públicos – Serviços Educativos na Cultura n.º 2*, Porto: SetePés, 2007, pp. 43-56.

Disponível em:

<http://www.setepes.pt/Portals/0/SetePesEdicoes/Colec%C3%A7%C3%A3o%20P%C3%BAblicos%20-%20Servi%C3%A7os%20Educativos.pdf>

FERNANDES, Marco Antônio. *Constituição da República Federativa do Brasil*, São Paulo, Editora Rideel, 2015, 21ª edição.

FILIPPE, Maria da Graça. *Serviços Educativos em Portugal: Ponto de Situação*. Lisboa. IN: CECA2011.

Disponível em: http://www.icom-portugal.org/multimedia/CECA2011_GracaFilipe.pdf.

FIORETI, Elena e LAZZARIN, Luis Fernando. *O Museu e o público jovem*. IN: *Musas, Revista Brasileira de Museus e Museologia*. Rio de Janeiro, Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, nº 03, 2007, pp. 27-31.

Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=3831>

FLEMING, David. *Ideia chave: estratégias para conseguir a mudança nos museus*. IN: *Museologia.pt*, Instituto dos Museus e Conservação, ANO II, 2008, pp. 247-257.

Disponível em: <http://issuu.com/imc-ip/docs/museologia.pt-n2>

FRÓIS, João Pedro. *Os museus de arte e a educação: discursos e práticas contemporâneas*. IN: *Museologia.pt*, Instituto dos Museus e Conservação, ANO II, 2008, pp. 63-74.

Disponível em: <http://issuu.com/imc-ip/docs/museologia.pt-n2>

GODINHO, Isabel (Org.), *Roteiro do Palácio Nacional da Ajuda*. Lisboa, IMC/Scala Publishers, 2011.

HERNÁNDEZ, Francisca Hernández, *Manual de Museología*. Madrid, Editorial Síntesis, S.A, 1998.

HONRADO, Miguel, *Públicos da cultura e serviços educativos: novos desafios? Viagem ao continente da «multiplicação dos sentidos»*. IN: BARRIGA, Sara, SILVA Susana Gomes (coord.), (Coleção) *Públicos – Serviços Educativos na Cultura n.º 2*, Porto: SetePés, 2007, pp. 17-25.

Disponível em:

<http://www.setepes.pt/Portals/0/SetePesEdicoes/Colec%C3%A7%C3%A3o%20P%C3%ABlicos%20-%20Servi%C3%A7os%20Educativos.pdf>

JURADO, Ricardo Rubiales Garcia. *Educación e interpretación em museos*. México, Documetación, 2013.

Disponível em: www.educacioneenmuseos.com

LEITE, Maria Isabel, *O Serviço Educativo dos museus e o espaço imaginativo das crianças*. IN: *Pro-Posições*, São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2004, vol. 15, n.º I (43), pp. 121-127.

Disponível em:

<http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/~proposicoes/textos/43-dossieleitemi.Pdf>

MENDES, Luís Marcelo (org.). *Reprograme: comunicação, branding e cultura numa nova era de museus*. Rio de Janeiro, Edições 1.6. 2012.

Disponível em:

http://www.reprograme.com.br/wp-content/uploads/2012/10/reprograme_pt.pdf

MENSH, Peter Van. *Notas sobre os arredores, patrimônio e as novas tecnologias*. IN: *Musas, Revista Brasileira de Museus e Museologia*. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Museus, nº 04, 2009, pp.11-23.

Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/musas20120327.pdf>

MINEIRO, Clara, *Mas as peças não falam por si*. IN: *Museologia.pt*, Instituto dos Museus e Conservação, ANO I, 2007, pp. 68-74.

Disponível em: <http://issuu.com/imc-ip/docs/museologia.pt-n1>

MONTEIRO, Joana Sousa e SILVA, Rui Ferreira. *Museus na rede: a presença dos museus portugueses na internet*. IN: *Museologia.pt*, Instituto dos Museus e Conservação, ANO III, 2009, pp. 155-162.

MOUTINHO, Mario. *Os museus portugueses perante a sociomuseologia*. IN: CUSTÓDIO, Jorge. (Coord). *100 anos de património: memória e identidade*. Lisboa, IGESPAR, 2011, pp. 313-322.

PADRÓ, Carla, *Educación em museos: representaciones y discursos*. IN: SEMEDO, Alice e TEIXEIRA, João, *Museus, discursos e apresentações*, Porto, Edições Afrontamento, 2006, pp. 49-59.

SANTOS, Helena, *Públicos culturais: algumas notas com museus em fundo*. IN: *Museologia.pt*, Instituto dos Museus e Conservação, ANO II, 2008, pp. 77-85.

Disponível em: <http://issuu.com/imc-ip/docs/museologia.pt-n2>

SANTOS, Jorge Alves. *A parceria como forma de articulação dos museus da Rede Portuguesa de Museus*. IN: *Museologia.pt*, Instituto dos Museus e Conservação, ANO V, 2011, pp. 58-67.

SILVA, Sandra Patrícia de Jesus. *Visita Guiada: Uma estratégia da educação museal*. Lisboa, UFNL-FCSH, 2011, (Tese de Mestrado).

SILVA, Suzana Gomes. *Maria Acaso: situación actual de la educación em los museos de Artes Visuales*. IN: MIDAS [on line], posto on line em 09/06/2014, pp. 01-06

Disponível em: <http://midas.reveus.org/459>

XAVIER, Hugo, *Galeria de Pintura no Real Paço da Ajuda*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013.

5.1. Fontes:

Decreto-lei n.º 46758/65 (Regulamento Geral dos Museus de Arte, História e Arqueologia).

Decreto-lei n.º 45/1980, de 20 de março. In *Diário da República n.º 67/1980 - I Série*.

(Regulamenta a carreira de monitor nos museus dependentes do Instituto Português do Património Cultural).

Decreto-lei n.º 55/2001, de 15 de fevereiro. In *Diário da República n.º 39/2001 - I Série* (Carreiras de museus).

Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto. In *Diário da República n.º 195/2004 - I Série* (Lei quadro dos Museus Portugueses).

Constituição da República Portuguesa, Lisboa, Editora Porto, versão 2005.

Relatório das Atividades do Palácio Nacional da Ajudas, anos de 1989 até 2012.

<http://www.dgidec.min-edu.pt/>

<http://icom.museum/>

<http://www.icom-portugal.org/>

<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/>

<http://www.palacioajuda.pt/>

<http://nomundodosmuseus.hypotheses.org/category/museum-blogs>

http://www2.cmseixal.pt/pls/decomuseu/web_extract_external.get_external?code=1344481&col_ext=content1&tab=ecom_publication

<http://www.matriznet.dgpc.pt/matriznet/home.aspx>

<http://www.cm-lisboa.pt/viver/educacao/dentro-da-escola/projetos-promovidos-pelo-municipio>

<http://www.deficienciavisual.pt/contactos.htm>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Helen_Keller.

<http://www.apiaajuda.com/quem-somos>.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ajuda_\(Lisboa\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ajuda_(Lisboa))

<http://www.jf-ajuda.pt>

<http://www.everythingisnew.pt/>

6. Anexos

- I. Anexo e- mail diretor
- II. Guia de visita para o Piso Térreo – O Quotidiano da Família Real no Paço da Ajuda.
- III. Guia de visita para o Andar Nobre – Um dia de Gala no Paço da Ajuda.
- IV. No Rasto dos Tesouros Reais.
- V. Tempo Real – Coleção de Relógios do Paço da Ajuda.
- VI. Safari no Museu.
- VIII. Sonhos de uma noite de verão no Palácio da Ajuda.
- VIII. Texto do “REAL TEATRINHO - Fantoques e Histórias.”
- IX. Folheto da Exposição de Joana Vasconcelos e fotos da exposição.
- X. Foto da visita guiada ao andar térreo pela Escola Praias do Sado, em 10 de março de 2015.
- XI. Foto da visita do Jardim Infantil Francisco Xavier, localizado no Restelo, sobre o Teatrinho de Fantoques em 21 de abril de 2015.
- XII. Fotos da visita ao piso superior, sobre o cerimonial do Palácio, em 25 de setembro de 2015.

RE: Mestrado

DGPC/PN AJUDA - Jose Alberto Ribeiro

qui 05/02/2015 15:22

Para: 'Luciana Menegoni Meirelles' <lumenegoni@hotmail.com>;

Cara Dr.ª Luciana Meirelles,

Junto envio os elementos que me pediu referentes ao PNA:

MISSÃO:

O Palácio Nacional da Ajuda tem como missão o estudo, a conservação e restauro, a valorização e a divulgação das colecções da Casa Real que constituem os seus acervos, bem como manter a autenticidade dos seus interiores enquanto residência histórica.

Para tal, apresenta um programa de acções de cariz pedagógico e interpretativo para o público numa perspectiva de aprendizagem ao longo da vida das diferentes colecções de arte, do edifício e seu enquadramento histórico, bem como um espaço de realização de actividades de reconhecido interesse cultural.

VISÃO:

Ser um museu de referência europeu, enquanto antiga residência real, pelos trabalhos desenvolvidos em torno do estudo e divulgação das suas colecções.

Com os melhores cumprimentos,

José Alberto Ribeiro

Diretor do Palácio Nacional da Ajuda | Lisboa

Palácio Nacional da Ajuda, Lg. da Ajuda

1349-021 Lisboa

Telef. (+351) 213 637 095/ 213 620 264

Fax. (+351) 213 648 223

E-mail: diretor@pnajuda.dgpc.pt

www.palacioajuda.pt



Siga-nos no facebook



Anexo II

GUIA DE VISITA PARA O PISO TÉRREO

A PARTIR DOS 12 ANOS

O Quotidiano da Família Real no Paço da Ajuda



Fotografia do Rei D. Luís e de
D. Maria Pia
1862

Na impossibilidade de responder pessoalmente a todos os pedidos de visita guiada, o Serviço Educativo elaborou este guião, com o objectivo de apoiar de forma imediata o professor e alunos, numa visita ao piso térreo deste museu.

Este guia destina-se exclusivamente ao piso térreo do palácio, o piso dos aposentos privados da família real na segunda metade do século XIX.

Não aconselhamos a visita aos dois andares do palácio no mesmo dia, por ser demasiadamente extensa e, como tal, implicar um excesso de informação, que pode comprometer o carácter lúdico, indispensável ao êxito das visitas.

Aconselhamos o professor a:

preparar os alunos antes da visita, pois é meio caminho andado para o sucesso da mesma;

dar tempo para uma observação atenta das salas e ambientes, antes de começar a transmitir informação. Uma boa maneira de conduzir essa observação é lançar uma ou outra pista, sugeridas aliás neste guião.

Boa visita!

O palácio que vão visitar foi, há mais de cem anos, residência de um dos últimos reis de Portugal – D. Luís I. Ao entrarem nos ambientes onde D. Luís e a sua família viviam, e ao olharem atentamente para os objectos que vos rodeiam, vão fazer uma viagem no tempo! Ao tempo da monarquia...



Rei D. Luís
Eduardo Machado
1871

D. Luís foi o segundo dos 11 filhos da rainha D. Maria II e do príncipe alemão D. Fernando de Saxe – Coburgo – Gotha. Como segundo filho, D. Luís não estava destinado a ser rei. Mas, a tragédia abateu-se sobre a família, pois o seu irmão mais velho,

o rei D. Pedro V, morreu com apenas 25 anos, quando um surto de tifo devastou Portugal.

A vida do infante D. Luís mudou por completo; com 23 anos, de oficial de marinha passou a rei de Portugal.

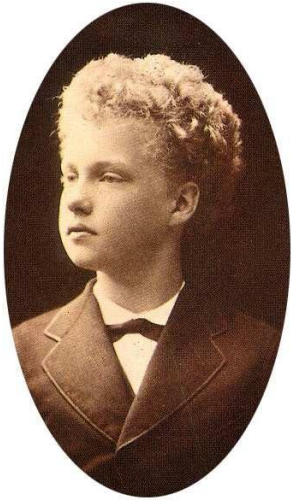
Estávamos então no final do ano de 1861...

Pouco depois, o rei pensou em casar. De entre várias princesas europeias, ajustou casamento com D. Maria Pia de Sabóia, filha do rei de Itália, Víctor Manuel II.

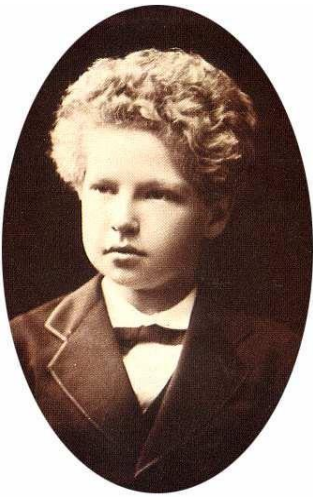
A princesa chegou a Lisboa com apenas 15 anos, mas já tinha, ao que parece, um forte temperamento!



Fotografia da Princesa D. Maria Pia de Sabóia c. 1859



Deste casamento nasceram dois filhos: o príncipe real D. Carlos (1863 – 1908), estudioso e ajuizado, que iria herdar a coroa de



Portugal e o infante D. Afonso (1865 – 1920), irrequieto, traquinas e muito popular.

Quando veio habitar o Paço da Ajuda, D. Maria Pia, com a colaboração do arquitecto Possidónio Narciso da Silva, deu início a importantes obras de decoração nas salas do piso térreo, espaço dos aposentos privados. Essa decoração correspondeu já a uma exigência de conforto e de privacidade, despertada nesta época por uma classe em ascensão, a burguesia, que aos poucos impôs à sociedade muitos dos seus hábitos e estilo de vida.

Mas, vamos recuar mais de 100 anos, até à segunda metade do século XIX. Iriam ficar espantados ao ver como era Lisboa. Reparem nas imagens e vejam: como as pessoas se vestiam...



Fotografia da Princesa Maria Pia
1862

E se faziam transportar...



Fotografia do rei D.
Luís
1865



Vista do Paço da Ajuda
Litografia colorida sobre papel
2ª metade de século XIX

Sala dos Archeiros



Brasão da Monarquia
Portuguesa
Reinado de D. Luís I

Estão agora na do palácio. A Sala dos Archeiros – os guardas reais -, era a entrada de todos os dias para a família real e para as pessoas mais importantes.

Ainda hoje, podem encontrar, nos armeiros encostados às paredes, as alabardas – mistura de machado duplo e lança -, que faziam parte do fardamento dos archeiros.



Fotografia de um Archeiro
Casa Real 1900

Procurem a fotografia com o retrato de um archeiro.

No centro da sala, podem observar uma maquete do projecto de 1802 do Paço da Ajuda, da autoria dos arquitectos Costa e Silva e Francisco Xavier Fabri. Era um projecto grandioso! Mas, vieram as Invasões Francesas, a partida da família real para o Brasil e as lutas Liberais, que conduziram Portugal a uma crise geral. Por isso, apenas foi construído menos de metade do que estava previsto.



Maquete do Real Paço da Ajuda
Projecto dos Arq. José da Costa e Silva e Francisco Xavier Fabri (datado de 1802)
Atelier «Portugal dos Pequeninos», 1999

Conseguem descobrir na maquete as duas janelas desta sala?

Passem para a próxima sala.

Sala do Reposteiro

O porteiro da cana tinha como função identificar e encaminhar os visitantes do paço para a sala onde iriam ser recebidos pelo rei ou pela rainha.

Trajava como vêem no desenho: casaca preta, com a gola levantada, calções e meias pretas e sapatos com fivelas de prata. Aos ombros uma capa negra, na mão uma vara branca, com a qual batia duas vezes no chão ao anunciar em voz alta os visitantes.



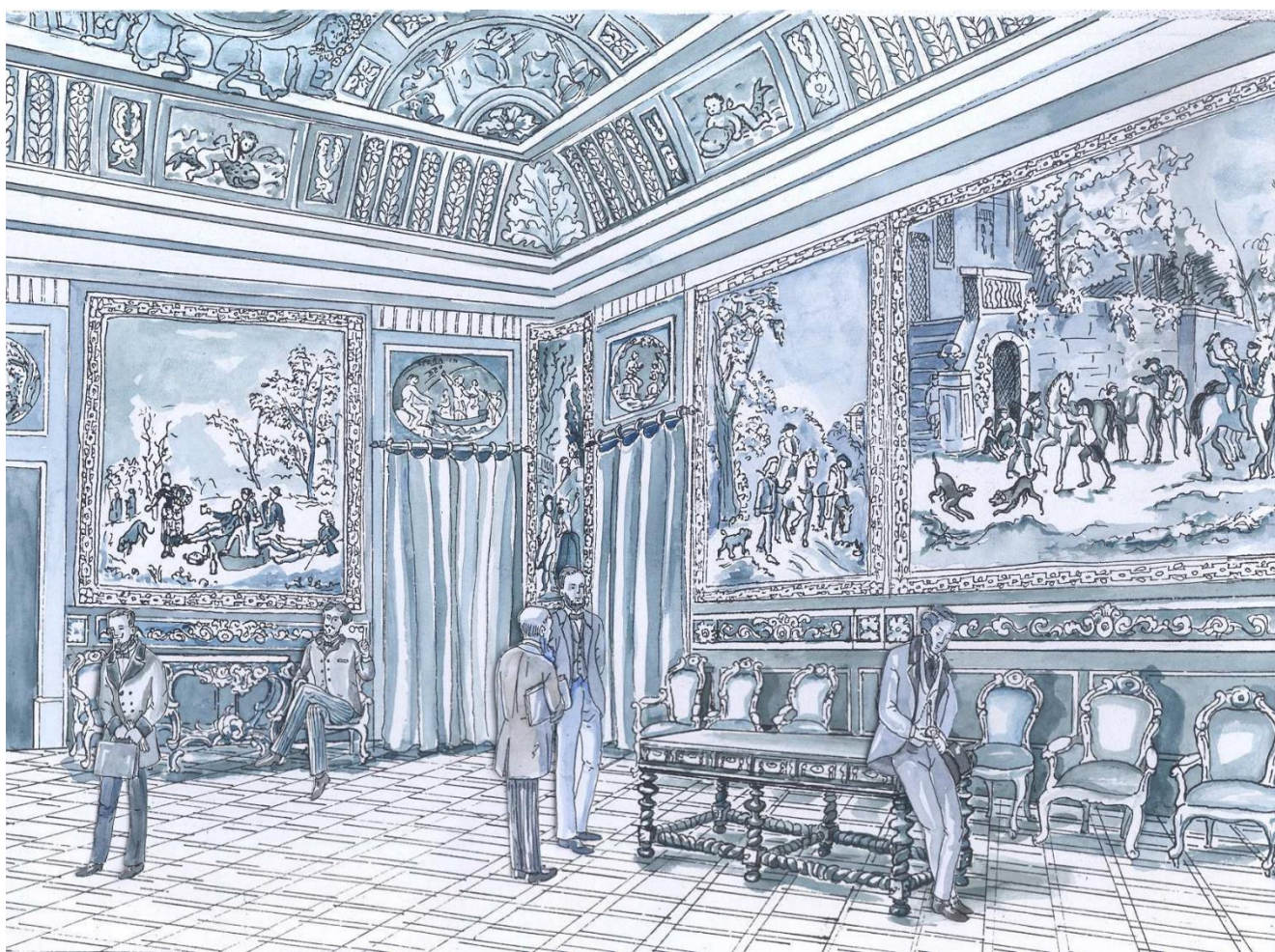
Porteiro da Cana
Desenho de Laura Carmo Costa

Muitas pessoas entravam diariamente no paço: ministros e conselheiros, diplomatas e dignitários ao serviço da Casa Real, amigos mais íntimos ou pessoas que, por qualquer motivo, queriam ser recebidas pelos soberanos e até artistas ou intelectuais daquela época, como pintores, músicos, cantores e escritores.

Tal como se faria há cem anos, sigam para a próxima sala.

Sala Grande de Espera

Está decorada com tapeçarias provenientes de Espanha, algumas tecidas a partir de desenhos do pintor Francisco Goya (1746-1828). O rei espanhol Carlos III ofereceu estas tapeçarias a sua sobrinha D. Maria I de Portugal. No tempo do Paço de Madeira (Real Barraca), forravam as paredes dos aposentos da noiva do futuro D. João VI, D. Carlota Joaquina. Tendo sido salvas do incêndio que consumiu a Real Barraca, foram colocadas nesta sala já por D. Luís. Estas tapeçarias apresentam cenas e figuras pastoris, campestres e do quotidiano em Espanha, na segunda metade do século XVIII, temas típicos da época.



Reconstituição da Sala Grande de Espera
Aquarela de Laura Carmo Costa

A pintura deste tecto alude a um momento decisivo da história nacional: o desejo do regresso de D. João VI a Portugal, vindo do Brasil.

Nesta sala de espera, os visitantes aguardavam, até o Porteiro da Cana os encaminhar para a Sala do Despacho, onde se encontrava o rei.

Passem para a próxima sala.

Salinha dos Cães

Quando a reconstituição desta sala estiver concluída, voltará a estar nela exposta a escultura que deu o nome à sala; representa dois cães da raça Basset e é da autoria de Frémiet. Nas paredes estão a ser colocadas tapeçarias, presas com velcro, sobre a esquadria de madeira agora visível. Essas tapeçarias contam episódios da história de Aquiles; já ouviram falar nesse herói?

No tecto, podem observar vários animais que nos fazem lembrar uma das paixões do rei D. Luís, a caça.

Ao centro está representada a Deusa romana da caça. Sabem o seu nome?
R: Diana.

Para chegar à presença do rei, havia que cumprir certas regras de protocolo, o que se reflectia na disposição das salas de um palácio real. Esta pequena sala, ou ante – câmara, correspondia à ultima fronteira antes do momento em que as portas da sala do Despacho se abriam.

Sigam para a Sala do Despacho.

Sala do Despacho

Muitas vezes, da parte da manhã, o rei tinha compromissos e visitas oficiais no exterior, pelo que geralmente, era à tarde que aqui recebia e se reunia em conselho, com os seus ministros, conselheiros e outras pessoas. Por isso, a sala era denominada Sala do Conselho de Estado.

Reparem que, como sala de representação, os tons predominantes, o mobiliário, as tapeçarias com cenas alusivas à vida de Alexandre Magno e outros materiais utilizados na sua decoração criam um ambiente formal e luxuoso, o ambiente certo para o desempenho das funções de um chefe de Estado. Podemos imaginar as reuniões em que muitas decisões importantes acerca do destino do país foram aqui tomadas.



Aquarela da Sala do Despacho
Enrique Casanova
1888

Contudo, por altura do Natal, esse carácter formal dava lugar a um ambiente festivo. A Sala do Conselho de Estado transformava-se, sendo montado um grande pinheiro iluminado com velas, cheio de presentes à sua volta. A árvore de Natal era então um novo hábito no nosso País, acrescentando-se ao tradicional presépio. Era uma das alturas de festa, em que D. Maria Pia recebia os amigos mais chegados dos príncipes. Também aqui organizava festas por altura do Carnaval, igualmente destinadas às crianças.

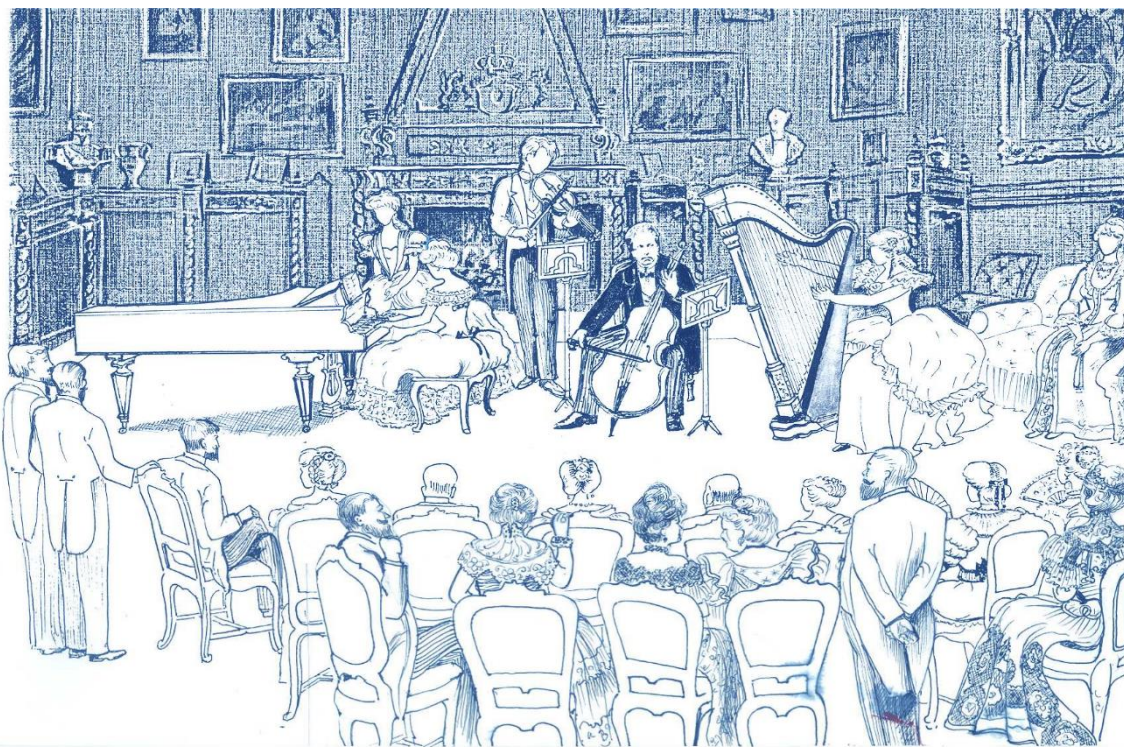
Passem agora para a sala seguinte e vejam como o ambiente vai mudar. Vão entrar nos aposentos privados e na vida quotidiana da família real.

Sala da Música

Sendo um grande amante de música, D. Luís realizava com frequência concertos e serões musicais no paço, entre amigos, convidando por vezes alguns artistas. Para o efeito, criou esta sala de música, espaço habitual nas grandes casas.

Reparem na opção por um mobiliário confortável: as cadeiras estofadas, as almofadas para os pés e os sofás *capitonnés* (cheios de botõezinhos) assim como o revestimento da sala, em madeira, bem ao gosto do século XIX. Outra das características da decoração nesta época é a profusão de quadros nas paredes e de *bibelôs* ou objectos decorativos por cima dos móveis e dentro das vitrines.

O rei tocava vários instrumentos musicais, mas o seu eleito era o violoncelo, que aprendera a tocar a partir dos oito anos de idade. Parece que também tinha uma boa voz de barítono. D. Maria Pia gostava igualmente de música: nestes saraus musicais cantava e tocava piano.



Reconstituição da Sala da Música
Desenho de Laura Carmo Costa

Para além dos saraus no paço, quase todos os dias a família real ia ao Teatro de S. Carlos, assistir à ópera.

Mesmo ao lado da Sala da Música ficava o quarto do rei.
Sigam para lá.

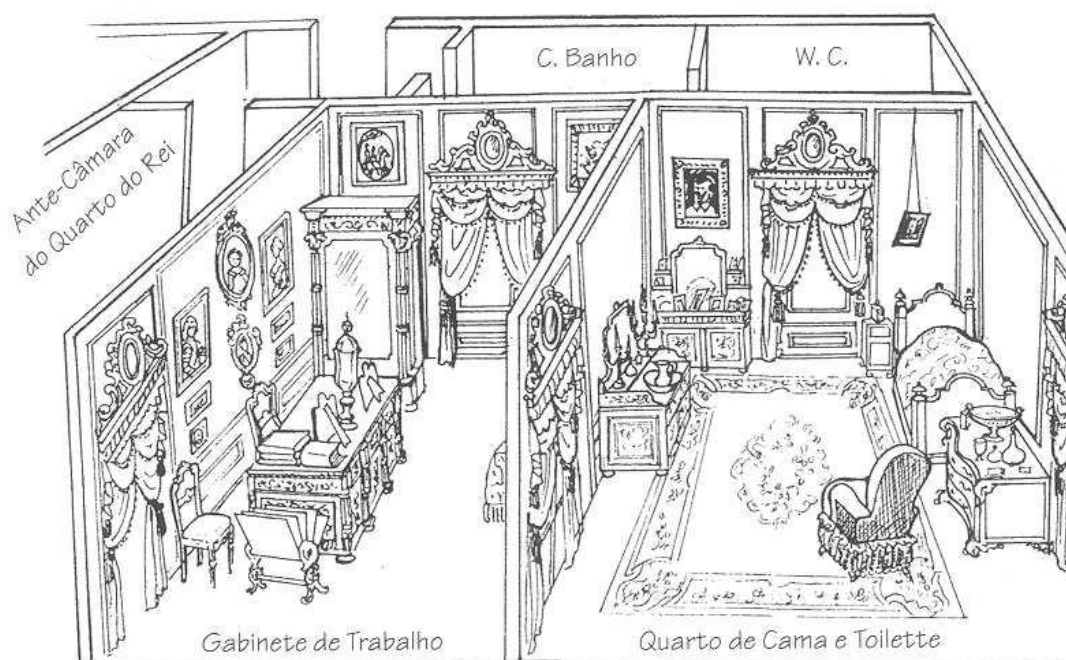
Quarto de D. Luís

No tempo de D. Luís, este quarto era diferente.

Por vontade do rei, quando veio habitar o palácio, este amplo espaço foi dividido em quatro salas mais pequenas, com paredes falsas e o tecto rebaixado (olhem bem para a reconstituição no desenho): quarto de cama, gabinete de trabalho e quarto de banho com uma divisão própria para a banheira.

D. Luís seguia mais uma vez a preocupação de bem estar e privacidade características da mentalidade do século XIX, optando por espaços mais pequenos e de funções diferenciadas. O quarto de banho, uma invenção deste século, é reflexo dessa mentalidade.

Uns anos após a morte de D. Luís, as divisões foram desmontadas e o quarto ficou com a disposição que podem ver hoje. No entanto, podemos conhecer o aspecto dessas divisões antigas através de um conjunto de aquarelas dos interiores do palácio, executadas pelo pintor Henrique Casanova, por volta de 1889, no tempo em que D. Luís aqui vivia, aquarelas essas que caíram no esquecimento, ao saírem de Portugal com D. Manuel II, sendo recuperadas num leilão quase em 1990.



Reconstituição do Quarto de rei D. Luís
Desenho de Laura Carmo Costa

Querem saber como se passava um serão entre a família real?

Então sigam para a Sala Azul.

Sala Azul

Depois das refeições e nos dias de chuva, a família real vinha para esta sala de estar. Foi toda decorada por D. Maria Pia, com a ajuda do famoso arquitecto e decorador de então, Possidónio Narciso da Silva. As tardes eram passadas a comentar viagens, a ler e a ver revistas, a trocar impressões sobre a última ópera do Teatro de São Carlos, ou a peça de teatro estreada em Lisboa.

Parece estranho, mas o nome da sala está relacionado com a seda que forra as paredes, que em tempos terá sido azul. O que terá feito desaparecer a sua cor?(R: A luz do sol, e também a falta de qualidade deste pigmento azul).

Para além dos retratos de D. Luís e de D. Maria Pia, reparem nos retratos pintados da família da rainha expostos na parede. Começando junto à janela da direita podemos ver o seu pai, o rei Victor Manuel II. Na parede frontal, temos imagens da princesa Margarida, mulher do irmão de D. Maria Pia e futuro rei de Itália, o príncipe Humberto, representado ao lado; e do lado direito, podemos ver os retratos da princesa Vitória, mulher do irmão mais novo da rainha, o príncipe Amadeu.

Em frente a cada uma das janelas da sala, encontramos as esculturas do príncipe real D. Carlos e do infante D. Afonso, executadas em mármore branco por Cesare Sighinolfi em 1865 e em 1869.

Por cima dos móveis, vemos várias fotografias de familiares, uma novidade da época.

No século XIX, fumar fazia parte do mundo masculino. Por isso, criou-se uma sala para o efeito – a sala de fumo – para onde os

depois das refeições. Podemos ver essa sala através da grande janela de cristal que a rainha mandou abrir.

Casanova 1888

Vamos até lá?



Aquarela da Sala Azul
Henrique

Gabinete de Carvalho

Ao entrarem no Gabinete de Carvalho, ou Sala de Fumo, que diferenças sentem em relação à sala de estar anterior? (Olhem através da janela de cristal)

Nesta época, a decoração que cria o ambiente de cada sala evidencia a sua função e o mundo masculino ou feminino a que pertence.



Desenho de Cão Buldogue (peça em terracota policromada, Áustria)
Laura Carmo Costa

Para além do tom escuro da madeira de carvalho - que dá o nome à sala -, encontramos na decoração muitos outros elementos alusivos aos passatempos e gostos de D. Luís: o armeiro com armas de caça, o seu desporto favorito, que praticava em Mafra, Vila Viçosa, ou Queluz -, assim como os quadros com os principais barcos a vapor da Armada Real (não se esqueçam que D. Luís era oficial de marinha). Na marinha do meio, na parede principal, podemos ver a chegada de D. Maria Pia a Lisboa – descubram nessa pintura o Palácio da Ajuda.

Na próxima divisão vão encontrar uma novidade do século XIX, um jardim dentro de casa.

Sala de Mármore

Para evocar o ambiente de um jardim, esta sala foi completamente revestida a pedra, que ... é quase toda alabastro (proveniente de uma remessa oferecida pelo vice-rei do Egipto), o que constituía uma grande novidade decorativa na época! O nome da sala é algo enganador.

A preocupação de recriar um jardim, onde se colocavam exemplares da flora tropical, resulta da necessidade de um ambiente mais informal, longe da etiqueta da corte.

Neste jardim de Inverno, a rainha organizava as festas de aniversário dos príncipes, bem como jantares e ceias para cerca de 20 pessoas, colocando para isso uma mesa à volta da fonte.

Só conseguimos perceber o ambiente quase mágico que esta sala tinha na época, se a imaginarmos iluminada por velas, criando sombras por entre a vegetação, com a água correndo na fonte central e o canto dos pássaros nas gaiolas. Espreitem também para a espaçosa varanda a que esta sala dá acesso.

O rei gostava de passear por aqui, em alturas de lazer e de descontração, fumando o seu charuto.



Aquarela da Sala de Mármore
Desenho de Laura Carmo Costa

A próxima sala é a primeira dos aposentos privados da rainha.

Sala Rosa

Antecâmara dos aposentos privados da rainha, esta sala, muito feminina, foi decorada por D. Maria Pia, que nela quis expor a sua colecção de porcelanas de Saxe, ou melhor, da Saxónia - uma região na Alemanha -, muito em voga no século XIX. Reparem como a porcelana se aplica também ao mobiliário!

Se observarem bem o tecto, poderão descobrir representações de algumas das colecções de D. Luís:

flores, pássaros e borboletas. Há cem anos atrás, as pessoas gostavam de “coleccionar recordações”.

A rainha não esqueceu o seu país natal, a Itália, e por isso, inspirada num álbum que tinha aquarelas de paisagens, mandou pintar na sanca dentro de medalhões diversas paisagens italianas.

Mas, também estão representadas duas portuguesas: a Torre de Belém e o Castelo de Almourol. Conseguem descobri-las?



Relógio de Chaminé (peça da colecção de Saxe, Áustria, 2ª metade do século XIX)
Aquarela de Laura Carmo Costa

Sala Verde

Em dias certos, a rainha recebia visitas na Sala Verde, respondia à sua correspondência e tinha as suas reuniões.

Conseguem encontrar a pasta de trabalho de D. Maria Pia?

No grande quadro do pintor Layraud, de 1876, a família real foi retratada nos jardins do Palácio de Queluz, onde passava temporadas de férias. O rei e o príncipe real D. Carlos estão prontos para a caçada e o infante D. Afonso fica com a mãe a brincar.

Procurem na pintura dois brinquedos de D. Afonso! R.: A bola e o arco (este era conduzido com a ajuda da gancheta).

Na decoração da sala, vemos algumas recordações de momentos importantes na vida dos reis: uma pintura que representa o dia do casamento, na Igreja de S. Domingos em Lisboa, um busto do pai da rainha, o rei Victor Manuel II de Itália.



Família Real Portuguesa em Queluz Pintura de Layraud, 1878

Se passarem agora pela Sala Encarnada (agora é cor-de-rosa), vão entrar no Quarto da Rainha.

Quarto de cama da Rainha

A imponência deste quarto condizia com D. Maria Pia, que tinha o temperamento e a personalidade de uma verdadeira rainha.

Alguns meses antes do casamento, para decorar o quarto da futura rainha, o rei mandou vir de Paris, centro da moda europeia, o mobiliário imitando madeira de ébano e a seda azul lavrada a fio de prata que reveste as paredes.

Procura na decoração da cama elementos que te indiquem ter sido feita propositadamente para ela.

Se espreitarem para o chão, vêem uma pele de urso. Foi oferecida à rainha por um sobrinho italiano. Era um sinal de conforto, muito na moda no século XIX.

Por todo o lado, estão as recordações: fotografias de familiares e filhos da rainha.



Cama da rainha D. Maria Pia
Aquarela de Laura Carmo Costa

O quarto que se segue era indispensável na época: o quarto de vestir ou toucador.

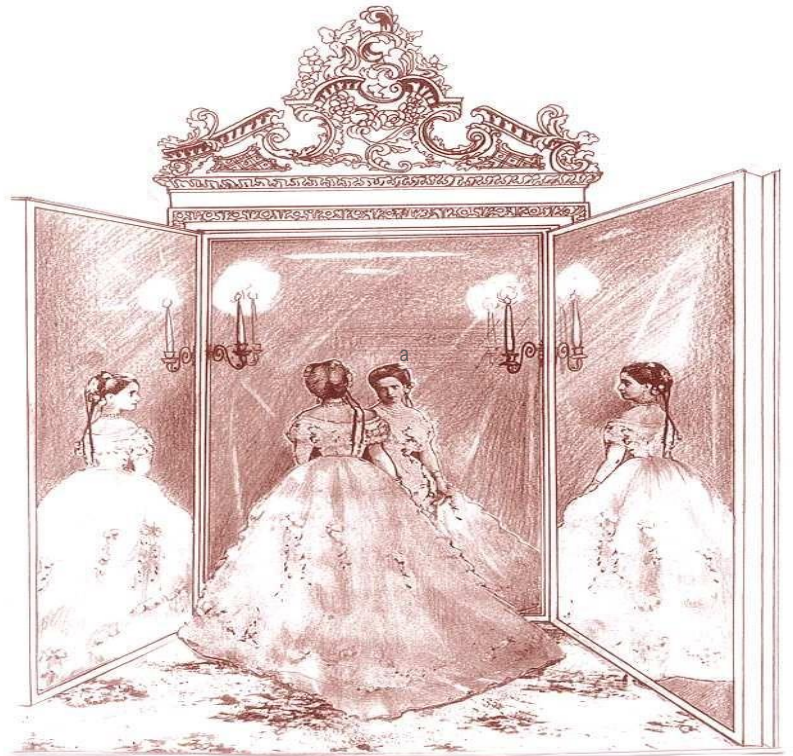
Toilette

No século XIX, o vestuário feminino era tão complicado que exigia um espaço amplo onde, com a ajuda das suas retretas e damas camareiras - damas de serviço à rainha que tinham acesso aos seus aposentos privados -, se desenrolava todo o ritual da *toilette* da rainha. Era costume nesta época as senhoras mudarem de fato várias vezes durante o dia, consoante a ocasião.

D. Maria Pia era considerada uma das rainhas mais elegantes da Europa.

Anexo ao *toilette* e com ligação directa ao quarto da rainha, encontra-se o seu quarto de banho, reflexo de uma crescente atenção pela salvaguarda da privacidade e conforto. O mobiliário, de origem inglesa, faz-nos ver a preocupação estética que envolvia ainda estas peças.

No *toilette*, a rainha recebia a sua costureira ou modista, a francesa Aline, que fazia os últimos retoques nos seus belos vestidos.



Espelho da rainha D. Maria Pia
Desenho de Laura Carmo Costa

Reparem agora num móvel que parece ser uma cama pequena. É uma cadeira comprida, ou *chaise-longue*, uma peça de mobiliário muito utilizada pelas senhoras, para o seu repouso durante o dia.

Voltem agora para trás, até à Sala Verde e procurem a salinha de passagem para o corredor de serviço.

Salinha de passagem

Enquanto a família real residiu no Paço da Ajuda, este espaço era apenas uma salinha de passagem. Agora, o objectivo do museu é apresentar uma pequena reconstituição dos aposentos da infância dos príncipes. Esses aposentos incluíam o quarto, sala de brincar e sala-de-estar.

Podemos ver na vitrine maior uma salinha-de-estar e na vitrine mais pequena uma referência aos estudos de D. Carlos e de D. Afonso.

Os príncipes tinham as lições no palácio com professores escolhidos pelo rei e pela rainha.

Procurem uma moldura oval com o retrato do príncipe real D. Carlos. Há cem anos atrás, os rapazes usavam vestidos, por vezes até aos 7anos de idade.

Também podem ver desenhos de barcos feitos por este príncipe em jovem.



Gnomos (conjunto de oito grupos)
Alemanha, século XIX

Já viram os gnomos? Possivelmente, foram oferta do avô paterno, D. Fernando de Saxe Coburgo-Gotha.

Estas pequenas criaturas estão rodeadas de muitas histórias e fazem parte dos antigos contos de fadas.

Diz-se que vivem debaixo da terra, escondidos nas grandes florestas ou guardando grutas de diamantes.

O gnomo grande que podem ver era uma peça de jardim decorativa

Alguns destes móveis pertenceram aos pais dos príncipes, como é o caso da cadeira de braços com forro e almofada roxa, que foi da rainha D. Maria Pia em criança e que tem a particularidade de se desmontar completamente.

À direita, vemos uma cadeira de palhinha que terá pertencido ao rei D. Luís e seus irmãos quando eram crianças. Por cima, encontra-se um quadro com duas aguarelas, atribuídas a D. Carlos, que as executou em jovem.

Vão até à Sala de Jantar.

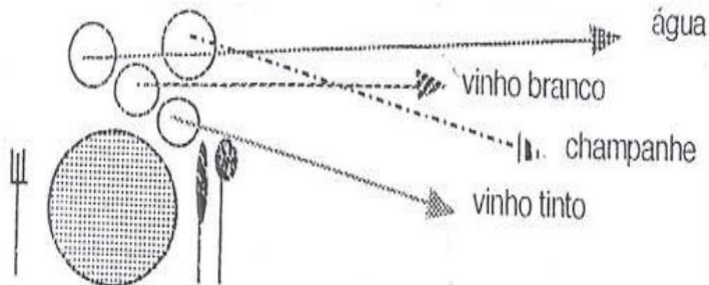
Sala de Jantar

A sala de jantar, como divisão permanente destinada a refeições, é um dos novos conceitos do século XIX e assume progressivamente um maior relevo, à medida que cresce a importância da vida familiar.

Não será difícil imaginarmos a família real comendo as suas refeições, quase sempre acompanhados pelos dignitários de serviço à corte e também, por vezes, por alguns convidados e amigos. A mesa onde o rei comia chama-se mesa de Estado e já está posta!

Diariamente, eram colocadas em todos os lugares ementas em francês (a língua em voga nas cortes europeias) com os pratos servidos. Geralmente, em cada refeição, comiam-se 4 ou 5 pratos.

Observem bem... Em cada lugar posto, foram colocados quatro copos. Conseguem fazer corresponder cada bebida a seu copo?



Ementa

Papel impresso e manuscrito 1887

A seguir às refeições, para além de fumar um bom charuto, D. Luís gostava de jogar uma partida de bilhar, um jogo muito apreciado nesta época.

Procurem – no na sala do lado.

Sala do Bilhar

Esta era considerada, no século XIX, uma divisão imprescindível em qualquer casa aristocrata ou da alta burguesia.

O bilhar era, em regra, um jogo masculino. Mas, também algumas senhoras gostavam de o praticar. A rainha jogava com o seu marido, que era um exímio jogador, ou com Miss Carolina Cart, a sua professora de piano.



Fotografia da Sala do
Bilhar

Os materiais usados na decoração da sala, madeiras e couros, conferem-lhe um ambiente acolhedor. Dos bancos estofados a couro, colocados sobre estrados em torno da mesa, podia-se observar confortavelmente as jogadas.

A visita acaba por aqui. Esperamos que tenham apreciado esta viagem pelo tempo do rei D. Luís.

Voltem sempre!

Um Dia de Gala no Paço da Ajuda



Panorama de Belém
Litografia da Comp. Nac. Editora,
Lisboa

Serviço Educativo, na impossibilidade de responder pessoalmente a todos os pedidos de visita guiada, elaborou este guião, de modo a apoiar de forma imediata professores e alunos, numa visita ao andar nobre deste palácio.

No caso dos alunos mais novos, não aconselhamos a visita aos dois andares do palácio no mesmo dia, por ser demasiado extensa e, como tal implicar que se transmita informação excessiva, que pode comprometer o carácter lúdico, indispensável ao êxito das visitas.

Aconselhamos os professores a:

prepararem os alunos antes da visita, pois é meio caminho andado para o êxito da mesma;

imaginarem, dentro deste palácio, que estão a fazer uma viagem no tempo, até à segunda metade do século XIX.

darem tempo para os alunos olharem para as salas e os ambientes, antes de lhes começarem a transmitir informação. Uma boa maneira de conduzir essa observação é lançar uma ou outra pista, sugeridas aliás neste guião. Mas, não alonguem demasiado a visita!

O Serviço Educativo deseja óptima visita!

Introdução



Retrato de D. Luís Michele Gordigiani c. 1868

Há mais de cem anos, na segunda metade do século XIX, o Palácio da Ajuda foi residência de um dos últimos reis de Portugal, D. Luís I (1838-1889), que reinou a partir de 1861 e que no ano seguinte casou com D. Maria Pia de Sabóia (1847 – 1911).

Aqui nasceram e viveram os seus dois filhos: D. Carlos e D. Afonso.



Retrato de D. Maria Pia
Michele Gordigiani c. 1868

Toda a vossa imaginação terá que ser usada para uma viagem no tempo; recuem 100 anos...

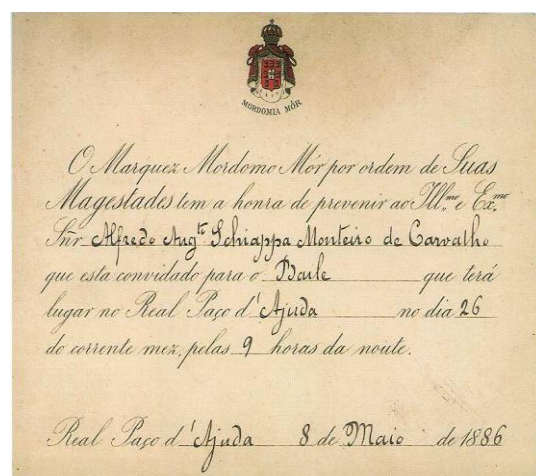
Imaginem que foram convidados para um dia de gala. Venham descobrir as salas onde as festas dos reis se realizavam!!

Havia dias de gala nos aniversários dos reis e dos príncipes, no dia do Ano Bom (era o dia de Ano Novo), entre outros. Os acontecimentos especiais eram também comemorados com grandes festas: nascimentos, baptizados ou casamentos da família real, visitas de reis estrangeiros e, por vezes, o Carnaval, uma das festas preferidas da rainha.

Nessas festas, o palácio era todo iluminado, com velas e gás, e as salas enfeitadas com muitas flores e plantas exóticas vindas do Jardim Botânico da Ajuda.

As decorações eram sempre diferentes para cada cerimónia e causavam grande espanto pela sua beleza. Tratava-se de um grande espectáculo!

Tudo era preparado com muito cuidado!
Os convites eram enviados às centenas e certa vez chegaram a convidar 3000 pessoas! Eram dirigidos às pessoas da corte, a membros da nobreza, do Exército, da Armada, do Corpo Diplomático, do Parlamento e a representantes dos vários sectores da sociedade portuguesa que, com grande animação, acorriam aos bailes e recepções oferecidas neste palácio.



Convite para o baile realizado no Real Paço da Ajuda (por ocasião do casamento do Príncipe Real D. Carlos)
Cartão com o timbre da Mordomia Mor e com as Armas Reais sobre manto de arminhos
Papel impresso a
Cores e ouro
1886

O traje também era parte do espectáculo. Os cavalheiros vinham com as fardas de gala ou com casaca, calças pretas, gravata e luvas brancas. Traziam pelo braço as damas, com vestidos claros, decotados, luvas de cano alto e leque na mão, com as mais belas jóias que rebrilhavam com toda a iluminação das velas.



Princesa Maria Pia de
Sabóia
Luigi
Gandolfi
1862

Archeiros, trintanários, moços de estribeira, um número enorme de servidores da Casa real, apresentavam-se nas suas fardas vermelhas com galões de ouro, assegurando o bom acolhimento dos convidados.

As recepções que estes monarcas ofereciam começavam desde cedo a surgir na imprensa e ficaram célebres, nas crónicas sociais lisboetas da segunda metade do século XIX. Hoje, servindo como uma das principais fontes documentais na elaboração deste tema de visita, permite-nos reconstituir o ambiente real de um dia de gala.

As salas que vamos percorrer têm uma decoração e um tipo de mobiliário mais formais do que os aposentos privados da família real. Utilizadas apenas em dias festivos, como espaços de representação, não exigiam o mesmo conforto e privacidade que se observa no piso térreo.

Actualmente, algumas salas encontram-se ligeiramente alteradas, visto o palácio continuar a ser utilizado para cerimónias de Estado, agora da Presidência da República.

Viajemos, pois, até à segunda metade do século XIX e façamos o percurso de um convidado da família real, num fabuloso Dia de Gala no *Paço Real d'Ajuda!*

Vestíbulo

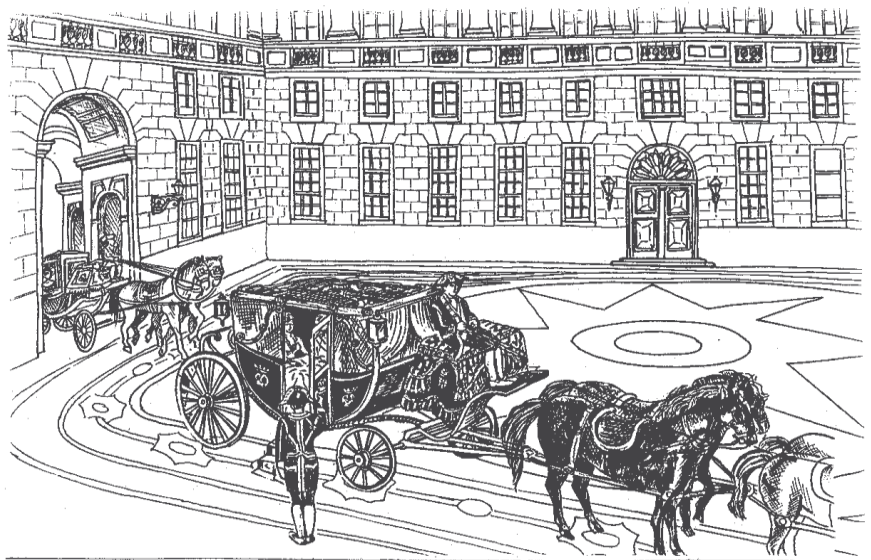
Esta era a entrada utilizada num dia de gala. Olhem bem à vossa volta! Mesmo sem a decoração de plantas, nem a animação dos convidados que então existia, esta é já uma entrada de festa em comparação com a Sala dos Archeiros - aquela por onde entraram no palácio.

Lembram-se de que material são revestidas as paredes dessa outra sala?(R: Madeira) Destinava-se a dar um aspecto acolhedor à entrada diária. Aqui o material usado foi o mármore, um material nobre, que polido reflecte a luz e dá maior imponência ao ambiente.

Nas paredes podem ver várias armas da família real pintadas nos vidros (Portugal, Bragança, Sabóia e Saxe-Coburgo). Iluminadas por trás, a gás, alegravam o ambiente com as suas cores.

Conta-nos Tomás de Mello Breyner, um dos amigos de infância dos príncipes, que nesses dias de gala:

“(...) as carruagens subiam a Calçada da Ajuda transportando os convidados, uma a uma entravam no átrio do Paço, enquanto a banda da guarda de honra tocava (...)”



Átrio do Paço da Ajuda
Desenho de Laura Carmo Costa

Fardados de gala, os moços de estribeira e trintanários abriam as portinholas das carruagens e franqueavam o vestíbulo da entrada nobre aos convidados.

Uma guarda de honra de archeiros inclinava as alabardas à sua passagem.



Trajo para
Archeiro
Século
XIX



Reconstituição do Vestíbulo (baseada em relato do *Diário de Notícias* de 13 de Maio de 1872) Aguarela de Laura Carmo Costa

Esta entrada para o palácio apresentava então uma decoração muito festiva, cujo elemento fundamental eram as plantas de variadíssimas espécies e em grande profusão.

O *Diário de Notícias*, a 13 de Março de 1872, dia em que se deu um baile em honra do Imperador do Brasil, descreve-nos a decoração da entrada nobre, nessa noite:

“O salão da entrada de que falamos, dir-se-ia o átrio encantado de uma mansão de fadas. Estava deslumbrante.

Agrupavam-se desde a entrada com delicado gosto, arbustos naturais dispostos uns em vasos, outros em tinas de madeira caprichosamente entalhada. Estes arbustos eram, alguns deles, copadíssimos e pendiam nos ângulos do salão para o centro, indo dar aos tanques circulares vestidos de hera e circundados de estrelas iluminadas a sombra dos seus ramos e a perspectiva de duas cascatas. A parte mais descoberta pelos tanques era guarnecida de vasos com plantas exóticas.

A porção de lumes, a graciosidade e arte na disposição simétrica do quadro, o murmúrio da água que se elevava em repuxo, a animação e variedade do colorido, formavam um conjunto encantador. Nesse ponto até à escada que conduz ao andar nobre, estavam os moços de estribeira e os archeiros que inclinavam as alabardas à passagem dos convidados.”

Também podem observar nesta entrada uma caleça* que pertenceu à rainha. Foi um dos presentes de casamento que seu pai, o Rei de Itália, lhe ofereceu.

(*carruagem aberta, tradução do francês *calèche*)

Continuemos agora em direcção à Escadaria Nobre.

Escadaria Nobre

Em cortejo, formado aos pares, os convidados subiam a requintada escadaria, por onde chegavam ao Andar Nobre. Em cada patamar, encontravam-se espectaculares arranjos de flores, naturais e artificiais... Para além de plantas de estufa, a maior parte das vezes usavam-se também arbustos, laranjeiras ou palmeiras e muita, muita folhagem!

A própria decoração da escadaria, em estuque, com motivos florais anunciando o ambiente festivo, foi realizada para um dia de gala, quando Afonso XII de Espanha visitou Portugal.

Aqui vão encontrar, mais uma vez, as armas reais, neste caso representadas em estuque. Mas de onde são os escudos que estão representados no lado esquerdo? Lembrem-se da nacionalidade da Rainha D. Maria Pia...



Armas Reais da Casa
de
Bragança e
Sabóia

Enquanto descansamos um pouco após a subida, voltemos ao tempo em que os príncipes eram crianças e não participavam na festa.

Tomás de Mello Breyner conta-nos o que observou nessas ocasiões, na companhia de D. Carlos e de D. Afonso:

“Levavam-me a espreitar pela greta d’ uma porta deitando para a escadaria nobre, as pessoas que iam chegando.

[A porta de que fala Tomás de Mello Breyner dá para uma zona de serviço. É aquela que se encontra à direita de quem sobe a escada.]

Passavam as senhoras do corpo diplomático [isto é, casadas com diplomatas] com vestidos decotados de mangas curtas e longas caudas levadas no braço. Penteados altos alguns com diademas (...).

Os maridos [vinham] fardados e ostentando condecorações. (...) Havia uns de calção branco e grandes botas, levando os capacetes d’ aço ao colo; outros com cascos de bico como se viam nas ilustrações alemãs; outros fardados de marinha. O que em todo o caso dava mais no gôto era um rapagão de bigode ruivo – estou a vê-lo – com saiote escocês acima do joelho à mostra, manta à tiracolo e meias do mesmo padrão, sapatos de fivela.

(...) Nesse bom tempo os chineses ainda usavam rabicho e não tiravam de cabeça uns chapéus pretos com borlas vermelhas. Os vestidos [eram] de cores garridas e os sapatos esquisitos.

(...) Quando os diplomatas exóticos passaram pela greta da porta por onde os espreitávamos, ouviram rir e sorriram suavemente. Pareciam fingidos e lembravam os chineses de loiça d' uma sala da rainha.

(...) As damas da rainha entravam por uma porta especial. O traje de gala ao qual chamavam farda vinha a ser um vestido de seda branca com cauda azul; na cabeça um feixe de plumas com a mesma combinação de cores.”

Quando não eram militares, nem estrangeiros com trajes típicos, os cavalheiros apresentavam-se de casaca, calça preta, luvas e gravata branca. Passemos agora à Salinha Chinesa.

Salinha Chinesa

Era a primeira sala do Andar Nobre por onde passavam os convidados. A própria sala anuncia e convida a um ambiente de festa.



Contador
Japonês
Laca e ouro decorado com motivos
orientais
Século XVII /
XVIII

Reparem bem na decoração. Para além das portas pintadas com figuras chinesas, o lustre e os apliques são uma surpresa: Já viram com que peças foram feitos? (Com um serviço de chá japonês)

Tudo aqui lembra o Oriente! O tecto e as paredes, forrados a seda, sugerem um pavilhão chinês. Era moda, já desde finais do século XVIII, por influência inglesa, fazer uma sala com este tipo de decoração orientalizante, ou até quando possível um pequeno pagode chinês no jardim.

Na sequência de um tratado entre os dois países, D. Luís recebera do Japão uma quantidade de presentes e decidiu colocá-los nesta pequena sala, decorada propositadamente para o efeito. A mistura com alguns objectos orientais de outras proveniências e a tendência para chamar «chinês» a tudo o que vinha do Oriente deu o nome a esta sala.

Depois de passarem pela Salinha Chinesa, os convidados distribuía-se, por ordem hierárquica, ao longo das várias salas até à Sala do Trono, aguardando a entrada da rainha D. Maria Pia e do rei D. Luís I.

Antiga Sala do Bilhar

Têm aqui oportunidade de apreciar uma das novidades do século XIX: o papel de parede industrial. Era uma solução económica que permitia imitar a seda no revestimento das paredes. Também as portas fingem ter um trabalho requintado. Se fosse verdadeiro, o que seria? (R: Madeira)



Interior da Catedral de
Monza
M.
Bianchi
Século
XIX

Podem observar, entre as janelas, uma pintura que representa o interior da catedral de Monza, uma cidade em Itália, terra natal da rainha. Para além desta obra, os reis possuíam uma numerosa colecção de pintura, parte dela exposta neste palácio, tendo sido a restante distribuída, já na República, pelo Museu de Arte Contemporânea, actual Museu do Chiado e pelo Museu Nacional da Arte Antiga.

Na próxima sala poderão ver um grande retrato de D. Maria Pia.
Sigam até lá.

Sala do Retrato da Rainha

O retrato de D. Maria Pia, que dá o nome a esta sala, foi pintado em 1880 pelo pintor francês Carolus Duran. A rainha tinha então 33 anos.

As cores do traje de noite não resultam de uma opção ocasional. O branco e o azul eram as cores da bandeira portuguesa dessa época e a própria rainha as escolheu para serem usadas nos fatos de gala das damas da corte.

Este é um retrato oficial da Rainha e no entanto falta-lhe um complemento muito importante num traje de gala. Descobriram qual? Se observarem com atenção, podem verificar que D. Maria Pia apenas usa uns botões de brilhantes, discretamente, apesar de possuir uma colecção invejável de jóias. O facto é que o quadro foi pintado numa época de grandes dificuldades económicas em Portugal e a rainha, que era muito criticada pelos seus gastos excessivos, resolveu diplomaticamente fazer-se retratar quase sem jóias.

Rainha D. Maria
Pia
Carolus
Duran
1880



Rei D. Luís I Eduardo Machado
1871

Diante do retrato da rainha, encontra-se o retrato de D. Luís I em farda de gala, com as mais altas condecorações do reino. Repararam certamente que a coroa se encontra ao lado do rei, sobre uma almofada, aliás como em todos os quadros onde está representada. Os reis portugueses não eram coroados, mas sim aclamados. Por outro lado, a partir de 1640, quando D. João IV aclamou Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa como rainha de Portugal, em reconhecimento pela vitória sobre os espanhóis e a restauração da independência, a coroa deixou de «pertencer» ao rei e era simbolicamente colocada ao seu lado, numa almofada em damasco.



Na próxima sala vão poder observar muitas histórias «tecidas». Sigam até lá.

Sala das Senhoras do Corpo Diplomático

Aqui esperavam as mulheres dos diplomatas. A sala estava destinada a sala imediatamente antes da Sala do Trono, visto serem os mais altos representantes de países estrangeiros.

Nas paredes principais, podemos ver três tapeçarias *Gobelin* - uma das mais conhecidas manufacturas de tapeçarias em França - do século XVIII. Para além de aquecerem estas grandes salas, as tapeçarias tinham, a par da pintura, uma função decorativa. Estas tapeçarias contam-nos a história de uma princesa oriental, em três cenas, da esquerda para a direita: *Trabalhos nos aposentos da sultana*, *Dança no jardim do Serralho* e *Toilette da sultana*.

No século XVIII, havia a atracção pelo exotismo e pelas cortes do Oriente. Aqui estão representadas cenas do quotidiano na corte da sultana, em que se retrata as actividades do dia a dia, a música e a dança ou a *toilette* da soberana.



Dança no jardim do
Serralho
Manufactura
Gobelin
1774

Os dois retratos da frente são de D. Pedro V e sua mulher a rainha D. Estefânia.

No mobiliário francês do séc. XVIII, vemos em algumas cadeiras a representação, bem ao gosto da época, de cenas de fábulas de La Fontaine: *A raposa e o lobo*; *A raposa e a cegonha*; *O galo e a pérola*; *A leoa e o urso*; *O lobo e a cegonha* e *O galo e a raposa*.

Dirijam-se até à próxima sala, a sala do Corpo Diplomático.

Sala do Corpo Diplomático

Esta era a sala dos diplomatas. Os diplomatas estrangeiros representavam o respectivo rei ou presidente, em Portugal. Tratavam dos assuntos do seu país com D. Luís. Eram muito importantes e é por isso que a sua sala era a mais próxima da Sala do Trono, a sala mais importante num dia de gala.

Procurem aqui as esculturas de D. Luís e de D. Maria Pia. Em que material foram trabalhadas? (R: Mármore) Reparem no penteado de D. Maria Pia. Há cem anos atrás, as senhoras nunca usavam o cabelo solto e nos dias de gala os seus penteados eram muito complicados, enfeitados com jóias, plumas ou flores. A jóia que D. Maria Pia tem na cabeça não é uma coroa... Chama-se «diadema» e era uma jóia de gala que as senhoras usavam nas festas muito importantes. Que outras jóias tem a rainha? (R: Colar, brincos, alfinete)

O escultor conseguiu mostrar-nos como era a parte de cima do vestido de D. Maria Pia. De que seria feito? (R: Renda)

É muito difícil trabalhar a pedra desta maneira.

Quase conseguimos imaginar o toque dos tecidos, não acham?

D. Maria Pia tinha 16 anos quando se fez esta escultura.

Busto de D. Maria Pia
Santo Varni Genovese
1863



A escultura do rei foi feita alguns anos mais tarde. D. Luís tinha então quase 30 anos. Nos dias de gala usava sempre farda de gala. E o que teria aos ombros? (R: É um dos símbolos do poder real, o manto.)

Busto de D. Luís I
Anatole Célestin
Calmels
1867



Agora vão para uma das salas mais importantes deste palácio, a Sala do Trono.

Sala do Trono

Esta era, por excelência, a sala de representação do poder real, para a qual convergiam todas as atenções num dia de gala. Aqui estavam o rei e a rainha e os seus convidados mais importantes.

A cerimónia do beija-mão real era uma das mais importantes que aqui se realizavam. Começou por ser muito criticada por alguns elementos liberais mais radicais, que naturalmente a consideravam deslocada, por estar ligada a um conceito de realeza que se pretendia ultrapassado em tempos constitucionais e acabou por ser abolida no reinado de D. Carlos. A chegada dos soberanos dava início às cerimónias de Gala.

À entrada dos monarcas, os músicos tocavam o hino real, o Hino da Carta Constitucional. A família real recebia os cumprimentos dos convidados, que se deslocavam em cortejo, desde as salas anteriores até à Sala do Trono, sempre sob orientação do *mestre-sala* que lhes ia dando indicações.



Trono
Século
XIX

O Diário de Notícias de 5 de Maio de 1876 dá-nos um relato vivo de uma das noites de gala que aqui decorreram:

“Desde as 9 h aproximadamente é que as salas começaram a inundar-se de convidados. Às 10 h da noite entraram na sala Suas Magestades e Altezas. Esta entrada foi ao uso da corte inglesa. Vinham na frente o Marquês de Ficalho servindo de mordomo-mor, à direita o conde de Mesquitela, comandante da Guarda Real e à esquerda o conde de Rio Maior, como mestre de cerimónias da corte, com as respectivas varas de marfim, chapéus na mão e em grande uniforme. Atrás vinham Sua Magestade a Rainha dando o braço ao príncipe de Gales e do outro lado Sua Magestade o rei D. Luís.”

Suas Magestades seguiram assim até ao Trono onde tomaram assento, fazendo alas à direita o marquês de Ficalho, mordomo – mor, e à esquerda o conde de Mesquitela, comandante da Guarda – Real. À entrada, a orquestra tocou o hino de El – Rei.”

Os tronos estão sobre um estrado e por cima foi colocado um dossel. Era um «truque» para chamar a atenção para os reis e para mostrar que se encontravam no topo da hierarquia social.

Depois do beija-mão real, os convidados distribuíam-se pelos outros salões para dançar!

Sala D. João VI (S. Baile)

Esta sala encontra-se ligada à Sala do Trono por uma porta central que faz convergir os olhares dos convidados sobre o trono.



Fotografia da Sala de Baile

Aqui podem observar os retratos dos pais de D. Luís: D. Maria II e D. Fernando de Saxe Coburgo Gotha, ambos em traje de gala. Reconhecem o cenário onde D. Fernando se fez retratar? (R: Praça do Comércio, antigo Terreiro do Paço, onde ficava o paço real, antes do terramoto de 1755)

Os bailes eram sem dúvida momentos especiais de divertimento, mas não só... A corte era o ambiente social por excelência para as relações sociais e de cortesia.

Carnet de Baile
França, 2ª metade do século XIX



Ao hino d' El Rei seguia-se a primeira *contradança*, a de honra. Estava então aberto o baile. Seguia-se a *polonnaise* e depois *contradanças*, valsas, *polkas*, *mazurcas*, até ao *cotillon* final, uma rapsódia de danças que encerrava sempre os bailes.

Os músicos encontravam-se na galeria que podemos observar no plano superior da sala, de forma a proporcionar as melhores condições acústicas. Existiam certos rituais ligados aos bailes de corte, que exigiam vários adereços. O uso do *carnet* de baile era fundamental: nestes pequenos caderninhos as damas apontavam por ordem, segundo a etiqueta, os pedidos de dança dos cavalheiros.

O leque era outro dos objectos que uma dama nunca esquecia. A linguagem dos leques oferecia nestas ocasiões uma forma subtil para comunicar sentimentos amorosos, pois a forma de manusear assumia dezenas de significados. Por exemplo: tocar na extremidade do leque com o dedo significava: “*Quero falar contigo*”; e abanar o leque muito depressa: “*Estou comprometida*”. Madame de Stäel, uma dama da sociedade francesa de então, dizia que: “*Há tantos modos de se servir de um leque que se pode distinguir, logo à primeira vista, uma princesa de uma condessa, uma marquesa de uma routurière. Aliás, uma dama sem leque é como um nobre sem espada*”.



Leque
Século
XIX



Fotografia da Rainha D. Maria Pia
F. A. Gomes
1865

Uma tradição vivida com muito entusiasmo pela rainha eram os bailes de máscaras que se realizavam no Carnaval. Eram noites cheias de fantasia e mistério! Lembrem-se que esta festividade é muito celebrada em Itália, país de origem de D. Maria Pia, particularmente na cidade de Veneza.

A rainha apresentava-se sempre com máscaras a rigor, cuidadosamente escolhidas para estas ocasiões, tendo chegado a usar três trajes diferentes numa mesma noite, num baile em

Fevereiro de 1865. Aqui está disfarçada com dominó e mascarilha.

Mas, D. Luís não fugia à regra, também ele e outros membros da família real se mascaravam. Aqui vemo-lo mascarado de cavaleiro com uma armadura. Não devia ser nada fácil movimentar-se dentro dela!

Podemos imaginar o divertimento de toda a gente, tendo em conta que até a uma certa hora da noite as pessoas não tiravam a máscara da cara. Não eram assim reconhecidas. Geralmente eram os soberanos os primeiros a destapar a face, sendo em seguida imitados pelos restantes convidados.

Rei D. Luís
Litografia s/ papel (segundo fotografia de F. A. Gomes)
1865



Sala L. João IV

Esta sala foi reservada, várias vezes, para os representantes do poder legislativo, do poder judicial, para os militares e altas dignidades civis e eclesiásticas. Assim se distribuíam alguns convidados no eixo que ia da Sala do Trono à Sala dos Arqueiros (do Andar Nobre).



Fotografia da Sala D. João
IV

A pintura mural representa o rei D. João IV, primeiro rei da dinastia Bragança, num acontecimento histórico que teve lugar em 1640: a Restauração da Independência de Portugal. Por isso, esta sala é também conhecida como Sala da Restauração.

Indissociável dos bailes, a ceia ou *buffet*, garantia o sucesso da noite. A próxima sala era um dos locais mais concorridos nestas cerimónias.

Sala dos Grandes Jantares

Esta era uma das salas mais bonitas num dia de gala: flores por todo o lado, as pratas muito brilhantes, imensas velas acesas e uma grande animação! Mas tudo isto dava muito trabalho!

Tomás de Mello Breyner conta-nos que:

“Costumava ir logo de manhã para lá. Ía com o nosso criado António Rodrigues chamado para ajudar na limpeza das pratas. Isso divertia-me, assim como ver acarretar as plantas e flores do Jardim Botânico para as salas. Não deixava também de ir às cozinhas onde Mestre Custódio ou o pasteleiro Baptista me davam galinha assada, um bocado de veado, bolos e pastilhas. Encantava-me aquela azáfama.”



Fotografia da Sala dos Grandes Jantares

Impondo-se pelas suas dimensões e decoração, esta sala permitia (e permite, ainda nos dias de hoje), sem dúvida, criar um ambiente festivo de efeito deslumbrante. De hora a hora, um novo serviço era apresentado. Assim, logo após a entrada de Suas Magestades, surgiam em sequência o chá, os serviços de «neve» com gelados variados, *punch* e vários refrescos e finalmente uma ceia volante.

No fecho da cerimónia, por vezes pelas cinco ou seis horas da manhã, oferecia-se um apetitoso chocolate quente, frequentemente servido já no andar térreo, seguido de visita aos aposentos dos monarcas.

Normalmente, esta era a Sala dos Banquetes, os grandes jantares que D. Luís e D. Maria Pia ofereciam para festejar acontecimentos importantes. Estes jantares eram preparados muito tempo antes e podiam dispensar a festa de baile.

Os lugares eram todos marcados e escolhidos com grande cuidado: havia um desenho da mesa com os nomes dos convidados, conforme podem ver nesta imagem.

Plano das mesas do Banquete do Casamento Do Príncipe Real D. Carlos com D. Amélia d' Orléans a 24 de Maio de 1886.
Papel impresso (a ouro e negro) e manuscrito 1886



Em cada lugar, sobre o guardanapo ou junto ao prato, estava um cartão com o nome do convidado e uma ementa do banquete, sempre escrita em francês – a língua estrangeira mais falada nessa época.

Salados Archeiros

Quando um novo embaixador chegava a Portugal, tinha de apresentar ao rei as suas credenciais – os documentos comprovativos de ser embaixador. Havia sempre uma pequena cerimónia, que era realizada nesta sala.

Já repararam no formato desta sala? Observem as pinturas por cima das portas.



Fotografia da Sala dos Archeiros

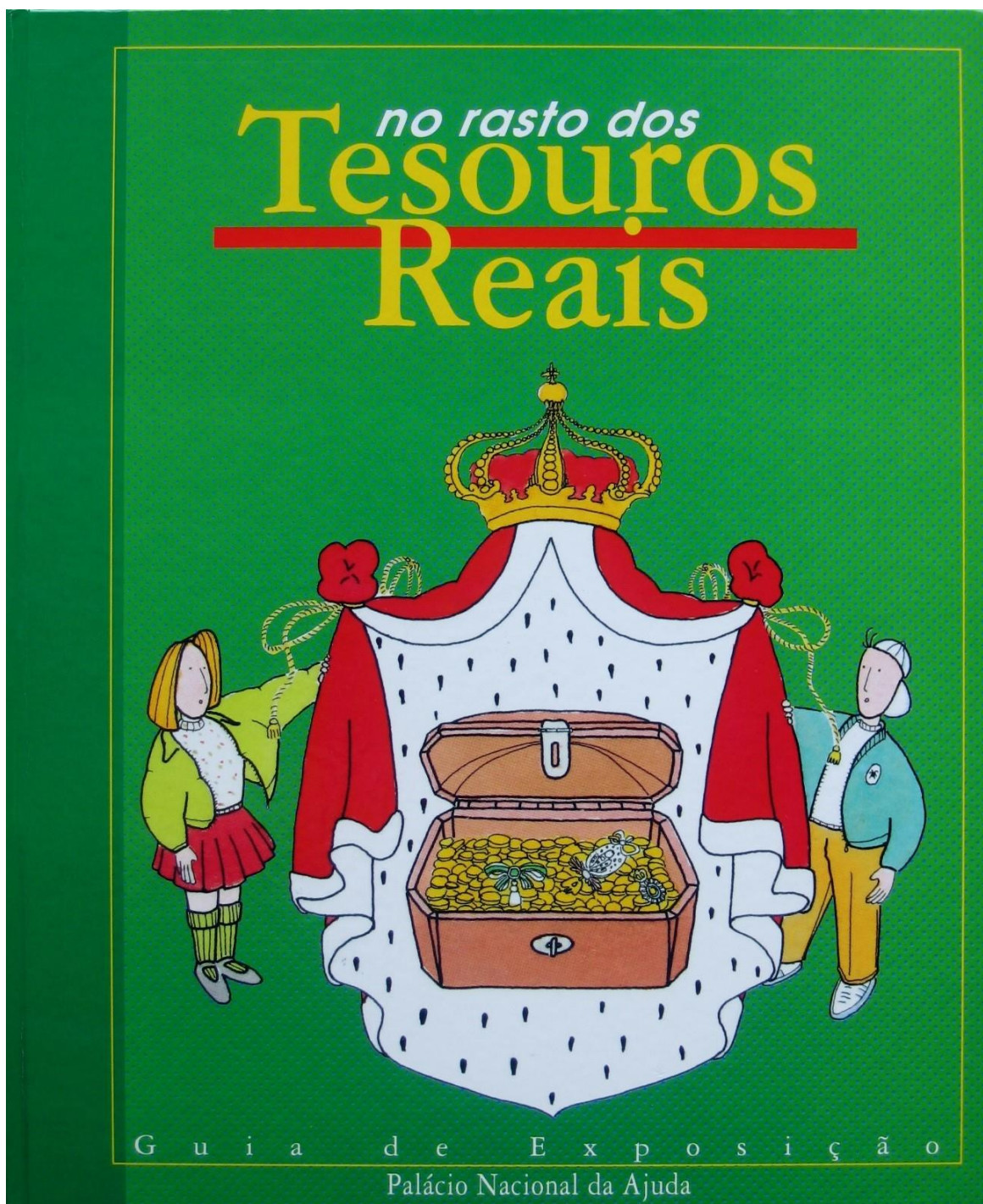
Vão agora descer por aquela que era então conhecida como Escada dos Cortejos. Era uma das escadas utilizadas para ajudar a escoar os convidados no fim das festas. Por aqui saiam os cavalheiros que vinham sem acompanhante. Os pares voltavam a passar pela Escadaria Nobre.

Findos os tempos da Monarquia, a República continua ainda hoje a usufruir destes espaços de Gala do Palácio da Ajuda como cenário das cerimónias oficiais da Presidência da República.

A visita acaba aqui. Esperamos que se tenham divertido nesta viagem pelo tempo do rei D. Luís.

Voltem Sempre!

Anexo IV



Fonte © Palácio Nacional da Ajuda

Anexo V

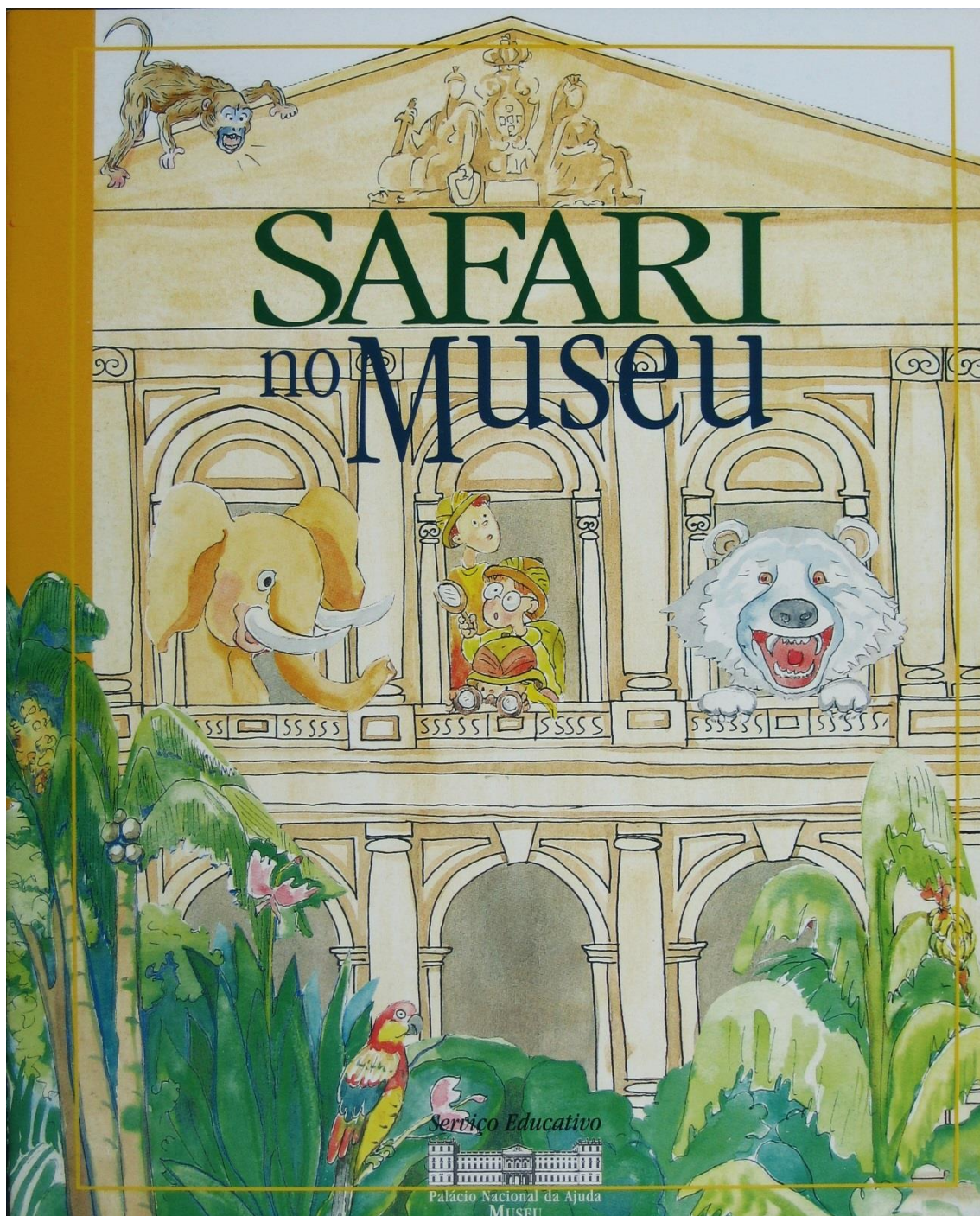


Fonte © Palácio Nacional da Ajuda



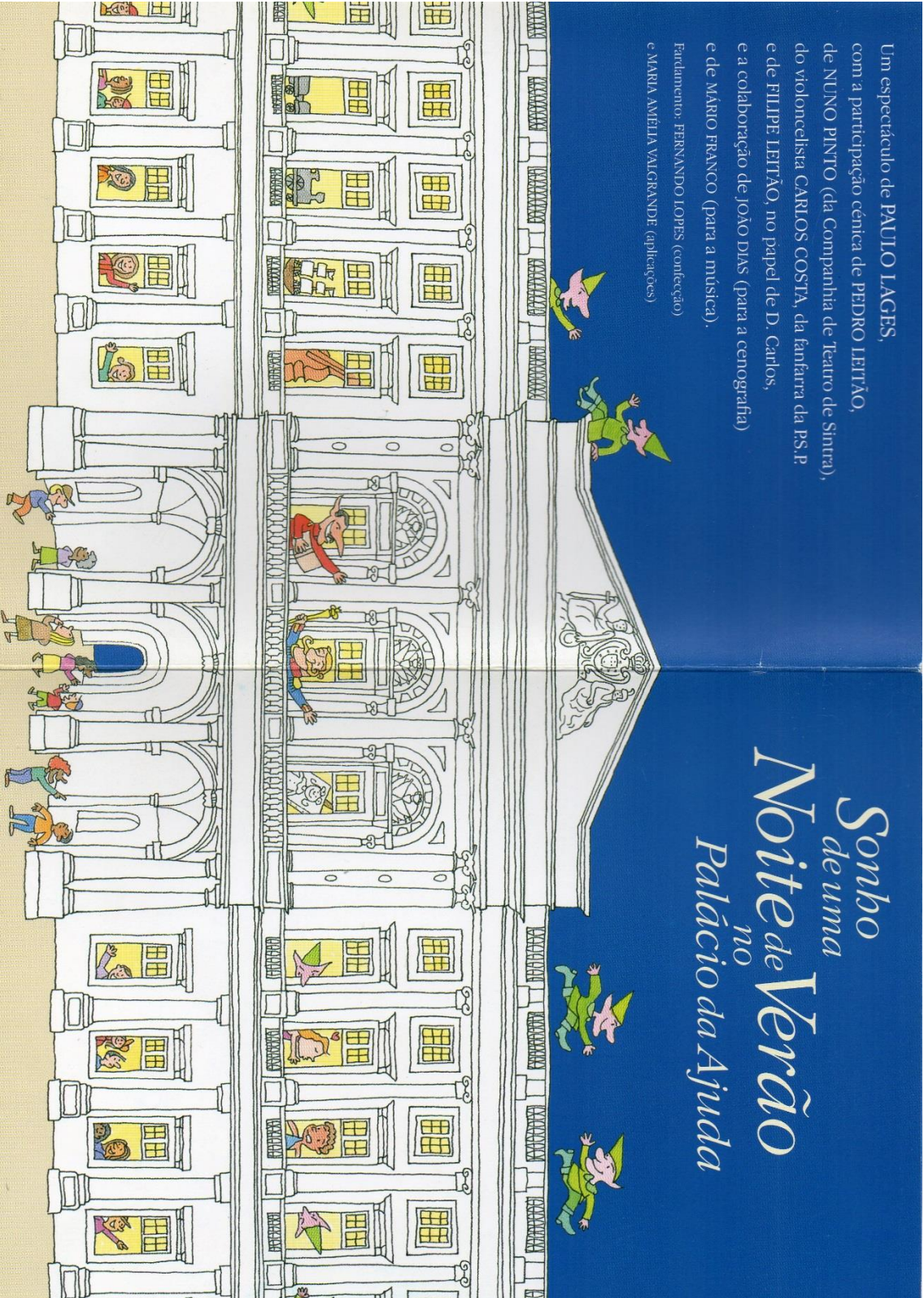
Fonte © Palácio Nacional da Ajuda

Anexo VI



Fonte © Palácio Nacional da Ajuda

Anexo VII



Fonte © Palácio Nacional da Ajuda

Anexo VIII

“REAL TEATRINHO - Fantoques e Histórias”

Coautoria do texto pertence à equipa do SE à época designadamente: Inês Líbano Monteiro, Maria do Rosário Jardim, Teresa Valente e Cristina Neiva Correia.

Quem participa atualmente na encenação e conta a história sou eu e a minha colega Fátima Patacho

Tema da atividade é “**REAL TEATRINHO - Fantoques e Histórias**” cujo texto envio em anexo.

Não existe um narrador. Existem **personagens** que interagem.

Através das personagens, as crianças ficam a conhecer aspetos da personalidade e gostos do Rei D. Luis, da Rainha D. Maria Pia, dos príncipes e ainda, as funções do porteiro da cana e um dos perceptores/professores dos príncipes.

Duração c. 20m + Visita Piso Térreo (c. 45m)

Faixa etária: 4-6 anos

Fica o convite para assistir

A arte como instrumento de educação

O departamento de Ação Educativa é responsável por todo o contato entre a instituição e o público em geral. Com o objetivo de ultrapassar o conceito de simples atendimento ao público, o departamento prevê a participação ativa dos visitantes e concebe o Museu como um centro de formação aberto.

Para alcançar esse propósito, destacamos alguns dos principais objetivos trabalhados: proporcionar visitas guiadas (monitorias), com o apoio de material impresso e audiovisual, em parceria com o Centro de Documentação e Pesquisa; oferecer ao público oficinas que dialoguem com as exposições do Museu e organizar palestras, simpósios e cursos.

Nesse contexto, de amplas possibilidades de atuação, o departamento tem atuado prioritariamente nas atividades de treinamento de monitores, visitas guiadas, oficinas educativas e atendimento a estudantes, universitários e profissionais especializados

Anexo IX

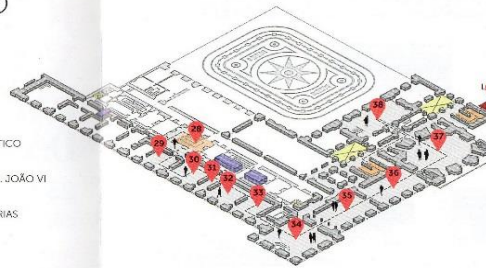
MAPA DA EXPOSIÇÃO Exhibition Map

ANDAR NOBRE Noble Floor

- 28 | CARMEN, 2001 - ESCADARIA NOBRE
- 29 | STRIPES, 2012 - ANTIGA SALA DE BILHAR
- 30 | PERRUQUE, 2012 - SALA DO RETRATO DA RAINHA
- 31 | DESLINDO, 2004 - SALINHA VERDE
- 32 | BRISE, 2001 - SALA DAS SENHORAS DO CORPO DIPLOMÁTICO
- 33 | EURO-VISÃO, 2005 - SALA DO CORPO DIPLOMÁTICO
- 34 | MARILYN (PA), 2011 - SALA DO TRONO
- 35 | CORAÇÃO INDEPENDENTE VERMELHO, 2005 - SALA DE D. JOÃO VI
- 36 | A NOIVA, 2001-2005 - SALA D. JOÃO IV
- 37 | LILICOPTERE, 2012 - SALA DOS ARCEBISPOS
- 38 | ROYAL VALKYRIE, 2012 - SALA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS

PISO TÉRREO Ground Floor

- 01 | PETIT GÂTEAU, 2011 - SALA DO REPOSIÇÃO
- 02 | JARDIM DO EDEN (MARIA PIA), 2007 - 2013 - SALA GRANDE DE ESPERA
- 03 - 04 | BRAGANÇA, 2012 - BARTOLOMEU, 2012 - SALINHA DOS CÃES
- 05 | AIRFLOW, 2001 - SALA DO DESPACHO
- 06 | DESTINOS CRUZADOS, 2012 - SALA DA MÚSICA
- 07 | VITRAIL, 2012 - QUARTO DE D. LUIS
- 08 - 09 | IMARI, 2012 - ESTHER, 2012 - SALA AZUL
- 10 | AMÉLIA, 2012 - CABINETE DE CARVAIHO
- 11 - 12 | A TODO O VAPOR (VERMELHO #1), 2012 - SALA DE MÁRMORE
- 13 | ALORNA, 2013 - SALA ROSA
- 14 - 15 | FORMENTERA, 2011 - JOAQUINA, 2012 - SALA VERDE
- 16 - 17 | APOLO, 2013 - MILORD, 2009 - SALINHA ENCARNADA
- 18 | MARIA PIA, 2013 - QUARTO DE CAMA DA RAINHA
- 19 | TROPICÁLIA, 2013 - TOILETTE
- 20 | CASANOVA, 2012 - VITRINE DOS PRÍNCIPES
- 21 | WAR GAMES, 2011 - VESTIBULO
- 22 | UNA DIRECCIÓN, 2003 - CORREDOR LARGO
- 23 | LE DAUPHIN ET LA DAUPHINE, 2012 - SALA DE JANTAR
- 24 - 25 | ZEUS, 2012 - JUPITER, 2013 - SALA DE BILHAR
- 26 - 27 | EOS, 2013 | AURORA, 2013 - ESCADARIA NOBRE



JOANA VASCONCELOS PALÁCIO NACIONAL DA AJUDA

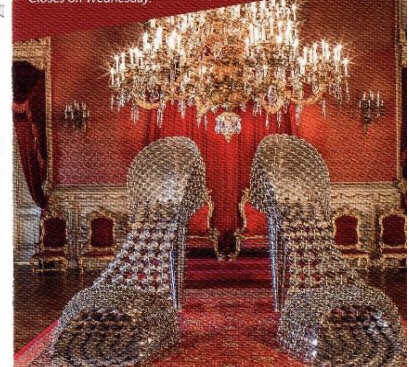
23 MARÇO - 25 AGOSTO 2013

Comissário Curator Miguel Amado

A maior mostra individual de Joana Vasconcelos nos aposentos reais do Palácio Nacional da Ajuda.

The biggest solo exhibition by Joana Vasconcelos in the royal quarters of the Palácio Nacional da Ajuda.

Todos os dias, das 10h00 às 19h00. Aos sábados, das 10h00 às 21h00.
Encerra às quintas-feiras.
Monday to Sunday, from 10am to 7pm.
Saturday from 10am to 9pm.
Closes on Wednesday.



Fonte © Palácio Nacional da Ajuda



Crédito © Dr.ª Fátima Patacho

Anexo X



Crédito © Luciana Meirelles

Anexo XI



Crédito © Luciana Meirelles

Anexo XII



Crédito © Luciana Meirelles



Crédito © Luciana Meirelles